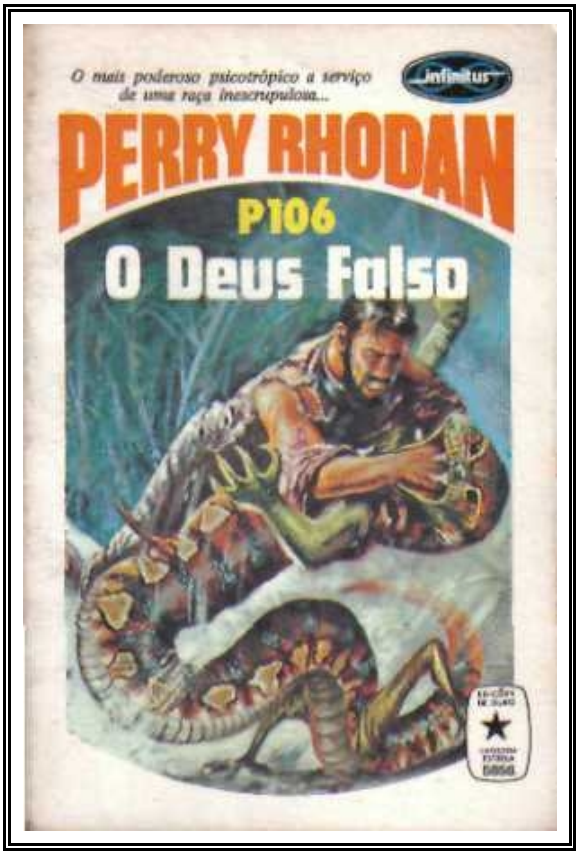
PERRY RHODAN

(P-106)



O DEUS FALSO

Everton

Autor

KURT MAHR

Tradução

S. PEREIRA MAGALHÃES

Procuravam 10.000 terranos desaparecidos e...
encontraram o deus das serpentes.

No fim do século XXI e princípio do século XXII, surgiu uma nova época na História da Humanidade.

Com o precioso apoio dos homens, o arcônida Atlan conseguiu alicerçar sua posição de imperador. A aliança entre Árcon e o Império Solar deu excelentes frutos — especialmente para os terranos, que em grande número já ocupam cargos de importância no governo do Império Arcônida. Atlan necessita do auxílio dos terranos, já que não pode confiar na maioria de seus patrícios.

O Império Solar se desenvolveu a tal ponto de se tornar a maior potência comercial da Via Láctea. A partir do século XXII, se pode falar de uma verdadeira onda emigratória para mundos apropriados para uma colonização racional. E mesmo em inúmeros planetas habitados por outras inteligências existem embaixadas e representações comerciais da Terra.

Mas, apesar de tudo, não se vive num mar de rosas, pois, como tem demonstrado a triste experiência, existe na Galáxia uma potência que não morre de amores nem pelos arcônidas nem pelos terranos: são os acônidas, do Sistema Azul, que já por duas vezes atacaram traiçoeiramente.

Mas há ainda na Galáxia outras potências que vêem no espetacular surto de progresso da Terra um motivo de hostilidade. Prova disto são os misteriosos acontecimentos no planeta Passa, colocando em ação novamente os agentes da Divisão Secreta III.

======= Personagens Principais: =======

Ron Landry — *Major; homem tremendamente observador*.

Larry Randall — *Destemido capitão*.

Lofty Patterson — *Velho colono terrano que vive em Passa*.

Ayaa-Oooy — *Ser vivo ou máquina... seu aspecto é assustador*.

1

"Ayaa-Oooy, vós sois o Ser Supremo e nós louvamos vosso nome. Seguiremos vossa vontade, Deus e Senhor nosso."

Andy Lever se recordava bem claramente que há duas horas atrás não havia nenhuma árvore neste local. Mas agora, ali estava uma, com mais de cinco metros de altura, com um tronco que se tornava fino à medida que se aproximava do solo.

Perplexo, Andy olhou em volta. Era a hora misteriosa do crepúsculo, o período entre o ocaso do sol vermelho e o nascer do sol azul, quando o céu se tingia de tons escuros e arroxeados, surgindo no poente uma imensa mancha vermelha e no nascente um pequeno clarão azulado.

A região mergulhava na escuridão e no silêncio, com exceção dos singulares ruídos provenientes da floresta de vidro, que Andy ouvia com tanta satisfação, pois eram um sinal evidente de que a maior aventura de sua vida estava se tornando realidade. Isto é, havia deixado a Terra e se encontrava agora num mundo estranho, verdadeiramente estranho.

Naquele lusco-fusco, a casa pequenina adquiria dimensões de imenso bloco escuro, comprimindo-se contra o chão, como que preparada para um grande salto de emergência. Às vezes, Andy se admirava da estranha impressão de que a casa, sua casa, lhe causava. Naquela meia-luz da tarde, devia lhe inspirar paz e sossego. Mas pensando melhor, chegou à conclusão de que não seria justo esperar sossego e paz, quando ele mesmo estava intimamente possuído pela intranqüilidade, sentindo vibrar em si a ânsia por qualquer iniciativa.

Não, a casa estava certa.

No céu escuro, surgiu um pequeno ponto luminoso. Andy o acompanhou com os olhos e viu como ganhou altura rapidamente, tornando-se mais intensa sua luminosidade até apagar de repente. Segundos depois, ouviu-se o ronco ensurdecedor de uma espaçonave que decolava, reboando por toda a região.

O solitário terrano respirou com força o ar do campo, voando seus pensamentos para a cidade de Modessa, em cujas proximidades se situava o espaçoporto. Não gostaria de viver em Modessa, nem mesmo na periferia da cidade. Estava muito contente com o lugar onde se encontrava, a quinhentos quilômetros de Modessa. Os outros o chamavam de doido, mas preferia realmente ser um doido a ter que morar numa cidade grande, onde não teria a sensação de viver num mundo estranho.

Isto puxou seus pensamentos para as coisas que haviam acontecido hoje — ou melhor, que não haviam acontecido. As enormes sempre-verdes não tinham vindo para entregar suas peles. Ou melhor, apenas oito delas chegaram até o ponto central, onde geralmente se costumavam reunir em número dez vezes maior. Não que isto tivesse grande importância para Andy. Tinha um salário fixo. Trabalhava apenas meio dia de trabalho. O dinheiro era garantido, mesmo se as sempre-verdes não trouxessem nenhuma pele. Portanto, não era por questão de interesse monetário. Estava apenas admirado sobre o fato em si.

Depois, suas divagações voltaram-se para a árvore que há duas horas atrás não estava ainda naquele lugar. Aproximou-se, mas não conseguia ver nada nítido devido à

escuridão. Teve a prudência de não tocar na árvore. Sabia do que acontecera a muita gente inexperiente em Passa, por haverem tocado em coisas de cuja periculosidade desconheciam. Ele não tinha realmente a menor dúvida de que em Passa uma árvore de mais de cinco metros de altura, de boa espessura e sem galhos poderia surgir em menos de duas horas. Já tinha visto muita coisa maravilhosa naquele planeta. Queria apenas saber do que se tratava.

Ia voltando para a casa, a fim de pegar uma lanterna. Foi neste momento que a árvore começou a se mexer, inclinando-se simplesmente para a frente. Andy ouviu um leve ruído atrás de si e deu um salto para o lado. Mas não adiantou nada. Aquilo que julgava ser uma árvore se abateu estrepitosamente sobre seu corpo, atirando-o de encontro ao solo e o comprimindo com relativa força.

O susto o deixou paralisado apenas por poucos segundos. Começou então a lutar desesperadamente para se ver livre do peso da suposta árvore. Mas suas mãos escorregavam na superfície lisa da mesma, não conseguindo apoio para se safar. E a "*árvore*", como se a reação de Andy a tivesse provocado, mais ainda o pressionou contra o chão.

Andy não conseguia mais respirar. Um fogo cerrado de pequenas mas dolorosas agulhadas parecia lhe varar as costelas, enquanto seus ouvidos eram atingidos por um som selvagem. Andy percebeu que jamais conseguiria libertar-se daquele peso mortífero. Sabia o que estava em cima dele e sabia também que contra forças tamanhas não lhe restava nenhuma alternativa.

Começou a gritar. Não havia, porém, ninguém que o pudesse ouvir. Num fogo de artifício, que fulminante e estrepitoso estrugia diante de seus olhos, Andy perdeu os sentidos.

* * *

Nike Quinto parecia não ter a menor idéia do que se passava. Estava ali postado, como que atingido por um raio.

Na realidade, não se tratava de nenhum milagre.

O Coronel Quinto era um homem miúdo, barrigudo, bochechudo e de rosto avermelhado, onde escorria sempre alguma gota de suor, mesmo na estação mais fria do ano. Acima de seus lábios carnudos sobressaía um nariz diminuto entre dois olhos também pequenos, separados dos cabelos louros apenas por uma testa estreita. O fato é que o Coronel Quinto, em toda a sua vida, jamais conseguira captar simpatia à primeira vista.

Ron Landry e Larry Randall aguardaram até que a porta atrás deles se fechasse. Depois, ao mesmo tempo, fizeram uma continência corretíssima, tão perfeita que formava um contraste berrante com seus trajes civis de verão, bem negligenciados.

— Santo Deus! — exclamou Nike Quinto num tom de voz berrada e desagradável. — Pedi para me mandarem dois homens escolhidos a dedo entre nossa gente mais corajosa... e agora chegam vocês! Puxa vida! Parece que o mundo inteiro se conjurou contra mim, querendo me matar de um colapso cardíaco. O que posso fazer com vocês? É um caso sério, mas já que estão aqui... Já se deram ao trabalho de ouvir as fitas magnéticas? Por amor de Deus! Não sejam tão chatos assim, digam ao menos sim ou não.

— Sim — disse Ron, mais descontraído.

— Sim, o quê?

— Sim, senhor, já ouvimos as fitas.

— Ah! E daí?

Ron Landry pigarreou, tentando fazer um sinal com os olhos para Larry, que havia se postado ao seu lado. Mas seu companheiro não percebeu nada.

Nike Quinto continuava de pé atrás de sua mesa de trabalho, aguardando uma resposta formal à sua pergunta.

— Não estamos bem certos, senhor — começou Ron, cauteloso — se alguém não fez aí uma brincadeira de mau gosto.

Por uns instantes, tinha-se a impressão de que Nike Quinto ia ter um ataque. Enfiou as duas mãos na cabeleira alourada, inclinou a cabeça para trás, arregalando os pequenos olhos para o teto. Depois soltou um longo suspiro, como se estivesse se desfazendo de um sonho cultivado há muito tempo. Por fim disse algumas palavras:

— Alguém fazendo uma brincadeira de mau gosto! Comigo? Landry, você é o verdadeiro amigo-da-onça. Com cada palavra que você fala, minha pressão sangüínea sobe um por cento — tirou as mãos da cabeça e fitou Ron diretamente. — Você acha que alguém ousaria fazer uma brincadeira de mau gosto comigo?

Ron Landry estava pensando com seus botões que havia realmente ao menos algumas pessoas, as quais conhecia muito bem, que gostariam muito de pregar uma boa peça em Nike Quinto. Sua única dúvida era se teriam ou não sucesso. Depois, respondeu:

— Senhor, peço-lhe o favor de considerar um pouco a finalidade de nossa missão aqui. Fomos enviados para um objetivo bem restrito. Perdoe minha ignorância... mas mesmo com a melhor das intenções não posso imaginar o que dois agentes especiais têm a fazer num planeta de florestas virgens, onde os nativos, há uns dias atrás, passaram a fornecer, ao invés de oitenta peles por dia e por local de coleta, apenas quatro ou cinco...

— Nenhuma mais! — corrigiu Quinto. — Este foi o último comunicado.

Ron Landry fez um gesto de impaciência.

— Que bonito! Não entregam mais nenhuma pele. E o que se faz com estas peles? Perfume e couro aromatizado para múltiplos fins. Pode-se fazer uma espaçonave com isto? Não. Dá para se construir uma arma energética com tais peles? Não. Pode-se fabricar alguma droga secreta com elas? Não. Então, por favor, por que vamos nos preocupar com tais ninharias?

Nike Quinto estava finalmente mais controlado. Deu um sorriso irônico.

— Quanto a mim, estou mais para lá do que para cá. Minha pressão alta é uma coisa que não tem mais jeito. Portanto, Landry, não me faz maior mal me aborrecer um pouco com vocês. Parece que, para ambos, o mundo só se interessa por espaçonaves, armas e drogas maravilhosas, não é? Não levam em consideração que a Terra trava uma guerra amarga com os saltadores, guerra de comércio vital para nós, pois estes mercadores galácticos julgam que Deus criou-lhes o comércio. Para essa raça é completamente indiferente, se em algum mundo colonial terrano de repente começam a acontecer coisas estranhas, que, de uma hora para outra, fazem com que a renda, que a Terra obtinha, com tanto sacrifício, caia praticamente a zero. E qual é esta renda? Peles bem cheirosas. Pode-se fazer espaçonaves com elas? Não. Armas? Não. Drogas? Não. Conclusão: não é da nossa conta, não nos interessa. Há colonizadores terranos neste mundo? Sim. Quatorze milhões. Puxa vida! Nem me lembrava mais. E dez mil deles já foram assassinados de maneira misteriosa ou desapareceram nas florestas de vidro. Que coisa horrível! Mas de colonizadores mortos também não se pode fazer nada de útil, não é? Nem espaçonaves, nem drogas, nem...

Ron Landry se ergueu de repente de sua cadeira.

— Não sabíamos nada disto, senhor! — disse ele, excitado. — Isto não consta das fitas magnéticas.

Nike Quinto fez um gesto de anuência.

— É verdade. Por este motivo eu os chamei. Os senhores vão entrar agora no aposento aqui ao lado, para ouvir o que deve ser bem ponderado. Os senhores têm que anotar tudo muito bem e, amanhã cedo, às sete e quarenta e oito, hora de Terrânia, pegarão o cargueiro misto e se dirigirão a Passa.

Ron e Larry se levantaram. Não chegaram a reparar que Nike Quinto tocara o botão de ligação de sua mesa de trabalho.

Quando se viraram, a porta para o aposento ao lado já estava aberta. Sob a luz avermelhada do crepúsculo, viram os grandes almofadões-sofá e a grande tela do projetor hipnótico.

— Aliás, os senhores têm uma idéia — continuou o Coronel Quinto — quanto tem rendido anualmente o negócio de Passa?

Ron ficou parado observando Quinto.

— Não sabemos não senhor.

— Então vou lhes dizer: quinze bilhões de solares. É uma quantia tão grande que daria para se construir cem cruzadores pesados para a Frota Espacial.

* * *

Passa era um planeta do sistema duplo de Antares, o nono na ordem comum de contagem. Era um mundo quente, com oxigênio. Um pouco maior do que a Terra, porém, de menor gravidade. Havia uma raça nativa de seres inteligentes. Não eram humanóides e os primeiros terranos, que se depararam com eles, ficaram com um medo terrível, apesar de estarem fortemente armados, pois estes inteligentes nativos de Passa não eram outra coisa senão serpentes de, na média, seis metros de comprimento, com dois pares de braços, apresentando em confronto com as serpentes da Terra não apenas a peculiaridade de serem inteligentes, mas ainda de poderem andar eretas.

Isto é, não andam propriamente. Apóiam-se na cauda musculosa e flexível, dando a impressão de estarem de pé e conseguem, com um movimento esquisito, uma espécie de pequenos saltos, uma coisa aproximada com o caminhar, aliás rápido e elegante.

Os quatro braços servem apenas como meios de agarrarem as coisas e também como instrumento de equilíbrio na posição ereta e no caminhar. O enorme corpo de serpente termina numa cabeça arredondada de verme, com uma série de orifícios cujas diversas funções só podem ser explicadas claramente por um especialista em Galato-Biologia. Os colonizadores terranos, que viveram em Passa, deram a estas singulares serpentes o nome de sempre-verdes, devido aos tons esverdeados que predominam em sua pele.

As sempre-verdes não eram apenas a inteligência nativa do planeta Passa, mas principalmente as fornecedoras da mercadoria mais importante, através da qual o planeta se tornou sobremaneira vital para a Terra: as peles das serpentes. Estas gigantescas serpentes de Passa tinham todos os hábitos biológicos das demais espécies de ofídios, entre eles o da muda da pele. Sabia-se muito pouca coisa, mesmo nos círculos mais especializados, sobre o mecanismo da troca de pele e sobre sua freqüência. O que havia de positivo era que as sempre-verdes podiam fornecer uma enorme quantidade de peles por ano.

Estas peles ou cascas continham um perfume muito agradável e podiam ser facilmente adaptadas para a confecção de artigos de couro de maior luxo. Objetos de

couro de Passa obtinham altos preços no Império Solar e em Árcon, preços estes equiparados a mercadorias de ouro do mesmo peso. Os perfumes de Passa eram tidos como artigos de refinado bom gosto, naturalmente de preços altíssimos nos grandes salões de beleza.

Os saltadores, raça descendente dos velhos arcônidas — os homens inquietos, que percorriam sem parar todos os recantos da Galáxia nos seus grandes aparelhos cilíndricos, e que viviam exclusivamente do comércio — estavam convencidos de que ninguém no Universo tinha direito de comprar e vender em grande escala, a não ser eles. É claro que não demorou muito a chegar-lhes a notícia da grande mina de dinheiro que os terranos haviam descoberto e estavam explorando em Passa. Tentavam, naturalmente, obter uma fatia do bolo. Mas a frota terrana, que vigiava Passa, os mantinha afastados de sua rica colônia, dando-lhes a entender bem claramente que nenhum saltador seria bem-vindo ao planeta, a não ser com convite especial.

A evolução do planeta das serpentes seguiu seu curso normal e pacífico. Em pouco tempo, surgiram aparelhos apropriados para a transposição da língua dos ofídios, riquíssima em fonemas vocálicos, quase sem consoantes, para o inglês e vice-versa. Aos poucos ficou convencionado que as serpentes, sempre em grupos, se dirigiriam a determinados pontos diariamente para aí deporem suas peles. A fim de se descartarem das peles velhas, as sempre-verdes prendiam a cauda flexível nos galhos de uma árvore alta e com violentos estremeções do corpo faziam com que a pele escorregasse pela cabeça abaixo. Os terranos cuidavam, naturalmente, de que houvesse número suficiente de árvores nos locais convencionados para o encontro das grandes serpentes, que eram pagas por seu serviço com objetos de uso e mercadorias de diversos tipos, à sua escolha.

Durante muitos anos, tudo correu em ordem. Os colonizadores se espalharam por todo o planeta, um pouco maior que a Terra, sem com isso prejudicarem a vida e os direitos das sempre-verdes. E não podia mesmo haver nenhum problema de convivência, pois as serpentes habitavam somente nas florestas de vidro, isto é, os impenetráveis emaranhados de uma vegetação semelhante ao bambu-gigante, vegetação esta dura como o vidro e quase sem ramagem, cujos troncos transparentes chegavam a uma altura de quase trinta metros.

Os colonizadores terranos, porém, mantinham-se nas aprazíveis planícies de capim rasteiro, nas margens dos grandes rios e à beira dos mares. Não cultivavam relações mais íntimas com as sempre-verdes, fora da mencionada coleta de peles nos pontos de encontro. Embora sua língua fosse bem compreendida, as sempre-verdes pareciam demasiadamente retraídas para falarem alguma coisa de sua vida nas florestas virgens de vidro. Daí o fato de os terranos não saberem quase nada das sempre-verdes, a não ser que trocavam de pele constantemente. A harmonia reinante em Passa era mais a de uma vida paralela do que de uma convivência propriamente.

Esta harmonia se desfez de uma hora para a outra. Ninguém sabia como nem por quê. As sempre-verdes deixaram de aparecer nos pontos de encontro. Não forneciam mais peles. Alguns colonizadores, que moravam mais afastados da cidade, foram encontrados mortos perto de suas casas. Outros achavam-se desaparecidos. Estavam também sumidos todos os homens que, quando as serpentes deixaram de fornecer as peles, penetraram nas florestas de vidro para apanharem aquilo que não lhes era trazido. Os únicos a voltar sãos e salvos não chegaram a se embrenhar na mata virgem. Regressaram porque não acharam nada e haviam levado pouco mantimento, ou também porque a penetração naquele emaranhado de fibras duras e transparentes era quase impossível.

Era fácil concluir que os saltadores já estavam atrapalhando o jogo. Ninguém, fora deles, teria motivo para fazer oposição aos poucos terranos que viviam em Passa. Mesmo considerando que o planeta rendia anualmente quinze bilhões de solares para a Terra, não seria de muita lógica aceitar que os saltadores trocariam este lucro por uma desavença com a Terra, isto é, com o Império Solar.

De qualquer modo, esta suposição, mesmo confirmada, não resolveria o mistério: de que maneira teriam os saltadores conseguido influenciar os nativos, isto é, as sempre-verdes? Como chegaram a Passa sem terem sido notados pela frota terrana de vigilância? Não podiam de maneira alguma ter chegado a Passa com uma grande frota. O máximo que poderia ter passado despercebido do serviço de vigilância seria a aterrissagem de um ou dois aparelhos. E como seria possível, com uma força tão pequena, mudar de uma hora para a outra a boa disposição de toda a população primitiva de um grande planeta, fazendo-a ver, nos terranos, terríveis inimigos?

Este era o enigma. E muitas coisas, talvez mesmo a existência da Colônia de Passa, estavam dependendo de sua solução rápida.

* * *

Eram estas as informações que o Major Landry e o Capitão Randall receberam, quando na madrugada de 7 de outubro de 2.102 embarcaram no cargueiro misto Laramie com destino a Passa. Não viajaram como incógnitos, pois todos na Terra, e muita gente fora do Império Solar, conheciam o Fundo Social Intercósmico de Desenvolvimento, sendo mais do que natural que esta organização mandasse um ou mais agentes para lá, pois Passa, conforme a linguagem oficial do Ministério das Colônias, não era um "*protetorado*" ainda plenamente desenvolvido. O que ninguém sabia, porém, era que dentro do quadro geral do Fundo Social Intercósmico de Desenvolvimento existia uma Divisão III, que tinha incumbências que extrapolavam em muito os limites de uma assistência comercial.

Ninguém sabia também que Ron Landry e Larry Randall pertenciam à hierarquia militar.

Os dois, Landry e Randall, estavam bem informados sobre o âmbito de suas atribuições, como também sobre o que se desenrolara na Colônia de Passa, desde os seus primeiros dias até, principalmente, os últimos acontecimentos. Tudo isto jamais se apagaria de suas memórias, a não ser que fatos especiais justificassem medidas extraordinárias, pois estas informações foram "*embutidas*" em sua memória por um curso-relâmpago de hipnose e criaram raízes firmes em seu subconsciente.

2

"Admirável Ayaa-Oooy! Nossos tubos vibram em vossa homenagem e vos trazemos vítimas que nunca foram vistas neste mundo, desde sua criação, através de Vós, grande Ayaa-Oooy."

Froyd Coleman percebeu que ia ter muito aborrecimento. Não aborrecimento propriamente dito, e sim trabalho. Mas haveria alguma diferença?

O edifício dos escritórios de Coleman situava-se no lado sul do amplo espaçoporto. Quem tivesse, que resolver qualquer tipo de formalidade, antes de sair da área do aeroporto para entrar na zona da soberania alfandegária da Colônia Passa, tinha que se haver primeiro com Froyd Coleman.

Geralmente Froyd se contentava em ouvir o caso, encaminhando-o depois a qualquer um de seus auxiliares. Era de convicção de que um bom inspetor não devia perder tempo ouvindo detalhes de pouca importância. Bastava conservar uma visão e um controle geral das coisas.

Froyd Coleman estava nos seus quarenta e seis anos. No correr de sua vida de funcionário público, engordara bastante, devido à vida pacata que levava. Portava com muita dignidade uma calvície central, rodeada por uma coroa de cabelos cor de fogo, e durante as longas horas do dia sua atividade se limitava a olhar para fora da grande janela, para as pistas e para a rampa de embarque dos táxis de Passa.

Foi por esta janela que viu os dois homens chegarem. Não foi a aparência dos dois que chamou a atenção de Froyd, mas sim o modo como andavam, como olhavam em redor e a seriedade com que falavam entre si. Por estas observações, Froyd percebeu que as coisas iriam engrossar para seu lado.

Deu um longo suspiro, levantou-se e vestiu o dólmã do uniforme. Pois, de acordo com as prescrições, todo funcionário do Império Solar tinha que portar uniforme completo em serviço, valendo isto para todas as categorias uniformizadas. E durante noventa e nove por cento de seu tempo de serviço, Froyd conseguiu se livrar desta prescrição.

Sabia, por longa experiência, que lhe convinha observar rigorosamente o que estava prescrito.

* * *

— O senhor está em dificuldades? "*Como ele pode perguntar isto assim, à queima-roupa?*", pensava Froyd. "*Como que um tiro disparado de supetão!*"

Aquelas haviam sido as primeiras palavras pronunciadas pelo estranho, alto e louro, logo após a saudação.

Froyd concordou suspirando:

— Acho que sim. Mais dificuldades do que podemos suportar.

— Que quer dizer com isto...?

Froyd arregalou os olhos.

— Quero dizer que neste meio tempo perdemos dez mil homens. Não podemos continuar perdendo...

— A que o senhor atribui estas dificuldades? — queria saber o homem louro, que se chamava Ron Landry.

— Aos nativos — foi a pronta resposta de Froyd.

Landry sorriu.

— Bem, mas por que motivo os nativos passaram a se comportar de repente, de maneira tão esquisita?

Froyd deixou-se cair em sua poltrona, olhando para seu interlocutor, sem saber o que dizer.

— Ah! Isto não sei não.

"*Que querem propriamente estes dois?*", perguntou ele a si mesmo. "*Desde quando o Fundo Social Intercósmico de Desenvolvimento se preocupa com tais coisas?*"

De repente, o louro mudou de assunto:

— O senhor é o funcionário mais graduado da cidade de Modessa, não é verdade, senhor Coleman?

— Sim — respondeu simplesmente.

— Isto não é um inquérito — explicou Landry, sorrindo. — Gostaríamos apenas de saber que medidas foram tomadas até então, para ficarmos senhores da situação e podermos proteger os colonos.

Froyd contraiu o semblante.

— O senhor tem todo o direito de me fazer perguntas. Vamos responder primeiro a segunda: avisei a todos os colonos que moram na periferia para que se transferissem para cá. A cidade oferece mais segurança; só no interior do planeta foi que desapareceu muita gente. Modessa não é uma cidade de turistas, há só dois hotéis. Não tínhamos camas para todos. Abrigamos os colonos em igrejas e salões de boliche e aos poucos está chegando material de emergência da Terra. Espero que também a Laramie tenha trazido alguma coisa.

"Os colonos obedeceram ao nosso apelo, depois de verem o que ocorreu lá fora. Modessa é normalmente uma cidade de trezentos mil habitantes, agora está com setecentos ou oitocentos mil. Mas todo o interior está vazio e pelo menos não precisamos mais nos preocupar tanto com a vida humana.

"Quanto à primeira pergunta: enviei uma expedição ontem para investigar o paradeiro dos nativos nas florestas de vidro e lhes dar uma lição. Se não conseguirmos impor respeito, as sempre-verdes continuarão fazendo o que fizeram até agora."

Quando Froyd mencionou a expedição que iria punir as serpentes inteligentes, os dois agentes se entreolharam. Landry perguntou imediatamente:

— O pessoal da expedição já atingiu seu objetivo?

Froyd deu um sorriso malicioso:

— Não, naturalmente que não. Partiram com deslizadores. Com um deslizador voa-se até cem quilômetros por hora. As florestas de vidro distam mais ou menos quinhentos quilômetros daqui, isto é, o início da mata virgem. O pessoal deve ter acampado ontem à beira da floresta e hoje de manhã todo o grupo deve ter tentado abrir um caminho. A matéria que compõe este tal bambu de vidro é tão dura e resistente, que até mesmo uma arma de raios térmicos precisa de alguns segundos para amolecê-la. Acho que não podem caminhar mais do que três quilômetros por hora... e as sempre-verdes não são tão ingênuas para se esconderem logo na parte externa da floresta.

Landry concordou. Depois, fez um rápido movimento com a mão direita, levando-a para o bolso inferior do paletó. Froyd não prestou muita importância ao movimento. Ficou, porém, muito curioso quando viu algo cintilante na mão de Landry. Arregalou os olhos e observou detidamente.

Foi um verdadeiro choque para ele. Conhecia todas as medalhas existentes, desde as verdes mais simples da polícia administrativa, as vermelhas da polícia criminal da Galáxia, até as prateadas do Serviço Militar de Segurança. Todas elas tinham o mesmo modelo: uma pequena esfera terrestre e no verso as duas letras I e S. A cor de cada medalha determinava a proporção de deferência e atendimento que seu portador podia esperar das autoridades. A prateada era a mais importante, que Froyd, aliás, jamais tivera o prazer de ver. Não estava muito disposto a acreditar que existia uma medalha roxa, muito superior à de prata, embora já tivesse ouvido falar a respeito.

E o que Landry tinha na mão era de fato uma medalha roxa.

— Está vendo isto, Coleman — disse ele bem sério. — Esta medalha aqui — continuou, recolocando-a novamente no bolso — pode ser examinada quando você quiser. Mas antes disso, chame de volta imediatamente sua expedição. Deve regressar pelo caminho mais curto e rápido para Modessa.

* * *

— Ali está ele — disse Froyd, apontando para dentro do ambiente saturado de fumaça.

Ron Landry ficou imaginando surpreso, pois ninguém iria esperar encontrar num mundo novo uma cantina malcheirosa e enfumaçada. Mas ali estava de fato uma deste tipo.

Ron Landry e Larry Randall vieram parar neste local em companhia de Froyd Coleman, porque este último, após uma conversa no escritório do oficial da frota terrana, garantira que o homem que mais entendia de florestas de vidro era Lofty Patterson e que o melhor meio de encontrá-lo era na Cantina Fianos.

Lofty Patterson, ainda para Ron e Larry no momento uma figura pequena e magra, mergulhada na fumaça e no barulho, era realmente o melhor conhecedor do planeta, o único sobrevivente da primeira leva de colonizadores, chegada a Passa há quarenta e cinco anos atrás.

Ron fez um gesto de quase ordem e Froyd se encaminhou para dentro do ambiente enfumaçado. Larry e o próprio Ron permaneceram de fora, de pé junto à porta. O Major Landry viu quando Froyd deu um toque no ombro do velho colonizador e conversou um pouco com ele. Lofty balançou a cabeça diversas vezes e Froyd apontou finalmente para a porta. Os dois saíram juntos.

Ron abriu a porta para Lofty passar e naquele instante em que o velho cruzava à sua frente, o estudou a fundo. O rosto de Lofty, sulcado por milhares de rugas, era um misto de jovialidade e de uma maliciosa esperteza. Seus olhos brilhavam de contentamento, com as mãos metidas nos bolsos e uma roupa que não podia ser mais nova do que ele. Conforme os cálculos de Ron, devia estar entre sessenta a sessenta e cinco anos. Devia ser bem jovem quando chegou a Passa.

Ficaram parados lá fora na calçada. O carro, que a administração da cidade havia cedido a Ron e Larry, estava estacionado junto ao meio-fio.

— Froyd está falando pelo senhor, não? — comentou Lofty, com um tom de voz que combinava muito bem com sua cara alegre. — Isto já inspira mais confiança. Então... Do que se trata?

— Vamos conversar a respeito em outro lugar — disse Ron, taxativo. — Froyd não lhe disse isto?

— Disse sim. Mas...

— No escritório do Major Bushnell, não é melhor assim?

— É claro, não há dúvida.

* * *

— Por que o senhor não foi com a expedição? — perguntou Ron Landry.

O escritório do Major Bushnell era grande, mas desconfortável. O próprio Major Bushnell, oficial da frota terrana em Passa, não estava presente. Ron Landry já lhe havia comunicado que este assunto estava fora de sua jurisdição. Bushnell concordou totalmente em colocar seu escritório à disposição para todas as investigações. Isto era muito importante para Ron e Larry. Suas paredes possuíam a grande vantagem de comunicarem imediatamente a um sistema central de controle quaisquer tentativas de todo tipo de alteração — como, por exemplo, instalação de microfones ou coisas semelhantes.

Dava a impressão de que Lofty não se sentia muito à vontade neste ambiente.

Percorreu o salão com os olhos, antes de responder:

— Porque eu sabia que não ia ter nenhum resultado.

— O senhor não disse isto aos homens?

— Claro que disse. Mas caçoaram de mim. Sempre estão me gozando, achando que estou velho demais. No entanto, nada conseguiram.

Ron ouvia com muita atenção.

— Por que acha o senhor que a expedição não vai ter nenhum êxito?

Lofty deu uma gargalhada mais estridente:

— Muito simples. Pule na água e tente nadar atrás de um tubarão. O que vai acontecer?

— Nada, Lofty. Isto é mais do que óbvio. O senhor quer dizer o seguinte: sendo as florestas de vidro o habitat natural das sempre-verdes, elas sabem como se mexer naquele terrível emaranhado, enquanto que nossa gente fica em grande desvantagem. Bem, isto parece claro. Acredito nas suas palavras. Mas por que os outros caçoaram do senhor?

— Continuemos com o exemplo do tubarão — propôs Lofty. — Pensavam que o tubarão fosse atacá-los e assim teriam alguma chance.

— Mas isto está errado, não é?

Lofty concordou.

— Naturalmente. Só quando se sentem completamente garantidas, as sempre-verdes atacam. Em toda a minha vida, nunca vi uma sempre-verde que tivesse a coragem de correr um risco, por menor que fosse. Portanto, quando percebem que a expedição é forte demais para elas, simplesmente correm e se embrenham pela floresta, até que o pessoal se canse e volte para casa.

Por uns instantes, Ron parou pensativo.

— Lofty, o senhor teria a coragem de penetrar na floresta conosco? — perguntou finalmente.

O velho colono abaixou os olhos por um momento e finalmente falou:

— Os senhores me dão uma impressão de prudência. Sim, com os senhores eu iria.

Neste exato momento, Froyd Coleman pareceu ter levado um grande susto. Ergueu o braço esquerdo e com a mão direita apontava para um pequeno aparelho que portava no pulso. Ron acenou para ele, pois ouvia um ruído no minúsculo receptor.

Froyd levou o braço esquerdo para a altura da cabeça e se apresentou. A voz do outro lado estava tão fraca e com tão pouca nitidez que não dava para Ron entender nada. Notou, porém, quando os lábios de Froyd juntaram-se e sua testa enrugou-se.

Froyd falou pouco. Parece que o principal havia sido um comunicado do outro lado. Finalmente, deixou cair o braço esquerdo e olhou espantado para cada um dos três homens.

— As sempre-verdes dão mostras de estarem senhoras da situação — disse em tom amargo.

— Que quer dizer isto? — insistiu Ron com energia.

A voz de Froyd estava pesada e lenta.

— Quer dizer que, de cento e vinte homens que enviamos, quinze ainda estão vivos e se encontram em fuga desesperada, de volta para Modessa.

* * *

A estratégia utilizada pelas sempre-verdes foi a mais primitiva possível: conseguiram dividir a expedição, deixando rastros em muitas direções e obrigando, assim, os terranos a se separarem em diversos grupos. Finalmente, os dez deslizadores, lotados com doze homens cada um, estavam separados, entregues à própria sorte.

Como relataram três sobreviventes de um desses veículos, foi quando o aparelho pousou e os homens saltaram em terra que as sempre-verdes se precipitaram sobre eles. Não esperavam um ataque naquele momento, nem tiveram tempo de usar das armas de que dispunham para tentar equilibrar o combate. O ataque das gigantescas serpentes foi em grande escala, com um grupo de mais ou menos duzentas. Deveriam ter vindo em grande velocidade de todos os lados, pois o piloto do aparelho, quando procurava espaço para pousar, não viu nem sinal de sempre-verdes.

Na confusão da sangrenta batalha, os três sobreviventes conseguiram escapar rastejando para dentro do emaranhado da floresta.

Não foram apenas os três sobreviventes que conseguiram escapar das serpentes. Um deslizador, cujo piloto havia sido suficientemente inteligente para não tentar descer em qualquer lugar da floresta, foi totalmente poupado da morte.

Os três sobreviventes viram muitas vezes tal deslizador de longe, até que, chegando mais perto, o piloto deste veículo viu os sinais desesperados dos três, baixou o máximo possível e os puxou para cima por meio de uma corda. Assim que chegaram a bordo do deslizador, dois deles desmaiaram. O terceiro contou da maneira que pôde o terrível destino de seus colegas.

O piloto deste último deslizador, que saiu incólume, devia ser um homem muito ponderado. A narrativa da carnificina não o assustou a ponto de sair fugindo da terrível floresta e procurar a garantia da cidade. Embora soubesse que qualquer pane nos motores significaria a morte dele e de toda sua gente nas garras das sempre-verdes, ainda teve tempo e coragem para sobrevoar a selva à procura dos outros grupos. Já há muito tempo que perdera todo contato de rádio com estes e, antes de içar os três sobreviventes, tinha mesmo a convicção de que os outros aparelhos haviam aterrissado e suas tripulações haviam descido para perseguir o adversário a pé.

Depois de um vôo de cinco horas sobre as florestas de vidro, encontrou os destroços de nove aparelhos. Mas, por mais que ele e seus homens investigassem, não conseguiram ver o menor sinal de um só dos infelizes tripulantes. As serpentes deviam ter levado todos como prisioneiros, ou os assassinado. Por que razão, ninguém sabia. Pelo menos havia uma esperança de ainda se poder salvar os que tinham caído nas mãos delas.

Só depois desta longa pesquisa e depois de chegar a esta triste constatação, foi que o único deslizador tomou o rumo de casa. Muito antes de aportarem em Modessa, já haviam feito um relatório sucinto sobre o fracasso da expedição.

A primeira providência de Ron Landry: impediu a publicação deste insucesso. Para isto teve que lutar contra a oposição sistemática de Froyd Coleman.

Froyd conhecia boa parte dos homens que participaram da expedição e haviam deixado a família na cidade.

"*Não se pode pôr as mulheres e filhos*", pensava ele, "*na incerteza*."

Ron Landry, no entanto, era de opinião de que a notícia sobre o malogro da expedição haveria de provocar a revolta dos colonizadores contra as sempre-verdes e provavelmente levá-los a organizar novas expedições de vingança, mesmo sem a aprovação das autoridades.

— Isto não pode acontecer de maneira alguma — repetiu Ron com firmeza. — Vocês tiveram que aceitar a perda de dez mil homens sem fazer muito escândalo. Devem também agora suportar a perda de mais cem, sem atitudes descabidas que poderiam provocar a desgraça total do planeta Passa. Não poderá haver nenhuma expedição punitiva contra os nativos. A única expedição que vai tratar deste assunto será composta de três homens: Larry, Lofty e eu.

Froyd acabou cedendo. Concordou em tomar todas as providências para os preparativos da nova expedição. Mas Ron foi mais objetivo com ele:

— Não haverá nenhum preparativo. Partimos amanhã cedo, assim que o sol raiar.

3

"Travamos uma grande batalha em vossa homenagem, Altíssimo Senhor. Grande é a oferenda que vos trazemos, para continuarmos sob a vossa proteção, Ayaa-Oooy."

— Aqui está a casa de Andy Lever — disse Lofty triste. — Pobre rapaz. Foi um dos primeiros que elas pegaram.

Larry pousou o deslizador bem perto da porta da casa baixa e espaçosa. Ron ficou olhando da pequena abertura de sua cabina.

— Estamos bem longe, não? — perguntou ele. — Logo ali começa a floresta.

— É verdade — disse Lofty. — Chamei a atenção dele mais de uma vez. Mas não queria acreditar. Sentia-se bem aqui e pensava que jamais lhe aconteceria alguma coisa.

— Você chamou a atenção dele, por quê? Você supunha que as serpentes iam ficar irritadas com isso?

Lofty olhou surpreso para ele.

— Não, claro que não. Mas o negócio é o seguinte: Quem vive isolado aqui fora está totalmente entregue às sempre-verdes. Vivem aos milhares, talvez mesmo aos milhões nestas florestas. E mesmo com as melhores armas, não se pode fazer muita coisa contra elas. Pois bem, as serpentes foram sempre pacíficas e boas. Mas o espeto é que ninguém sabe o que elas pensam. Não sabemos se existe uma moral entre elas e se esta moral se assemelha à nossa. Não sabemos nem se nos consideram amigos ou inimigos ou se lhes somos completamente indiferentes. Não sabemos propriamente nada a seu respeito, a não ser que possuem uma pele muito odorífera, da qual se desfazem freqüentemente. Não haverá de fato uma temeridade em se aproximar tanto assim delas, sem maior proteção? Foi com estes argumentos que tentei dissuadir Andy Lever de querer morar tão afastado assim.

Ron acenou com a cabeça.

— Foi encontrado morto, não é?

— Infelizmente.

Houve um profundo silêncio depois. Lofty gostaria de saber o que ele estava pensando agora. Mas, nas doze horas que já estava convivendo com eles, aprendera a renunciar a muita pergunta supérflua.

Larry Randall, até então calado, contemplando a casa baixa, deu seu palpite.

— Quer dizer que as sempre-verdes mudaram de tática no correr dos últimos dias.

— Exatamente. E mudaram bastante. Só queria saber o que vão fazer com os mortos que carregaram.

— E a mim interessa muito saber por que mudaram de tática — disse Larry.

Ron começou a rir de repente.

— Conforme o que disse Lofty, não temos muita chance de compreender jamais a lógica das serpentes. Por que vamos quebrar a cabeça sobre essa questão? Talvez a única resposta cabível seja esta: as sempre-verdes pensam diferente de nós. E mesmo se não for assim, nunca saberemos como será.

Larry não disse nada.

— Que aconteceu com Andy? — perguntou Ron.

— Os vizinhos o enterraram — respondeu Lofty. — Sua sepultura é ali atrás da casa.

— Não houve autópsia ou qualquer declaração médica?

— Não, para que fim? Uma sempre-verde caiu sobre ele ou se atirou contra ele, como percebemos mais tarde. As pegadas da serpente estavam nítidas demais. E o peito de Andy... nem é bom falar. Acho que não houve a menor dúvida de que estava morto.

Lofty acionou um botão ao lado do espaldar da poltrona, onde estava assentado, e uma das janelas laterais se abriu.

Ron virou-se imediatamente para o lado:

— Pode parecer ridículo, Lofty — disse ele — mas pediria que você não fizesse mais isto, sem antes me avisar. Aqui no campo, ainda pode ser uma coisa sem importância. Mas lá na floresta, nossa vida pode depender do fato de abrirmos ou não abrirmos a janela. Entendeu?

Lofty aceitou o aviso, sentindo-se culpado.

— É claro. O senhor tem plena razão. Devia ter pensado nisto antes. Talvez seja porque eu...

Neste momento Lofty se voltou para o lado oposto, sem olhar mais para Ron, com quem estava falando. Virou o rosto para o lado da janela, ficando um instante como que petrificado, depois meteu a cabeça para fora.

— O que houve? — perguntou Ron, em voz baixa.

— Uma delas está aqui perto — disse Lofty, excitado.

— Uma delas... quem?

— Uma sempre-verde — disse Lofty. — Estou ainda sentindo seu cheiro.

E voltou-se novamente para a janela.

— Ali ao lado — disse, apontando para a floresta.

Pela primeira vez, Ron dedicou mais atenção à cintilante orla da mata virgem de vidro. O sol azul, oferecendo agora um branco ofuscante, estava já bem além do zênite. Havia cintilação no ar em cima da floresta, quase impenetrável. Calor intenso e silêncio de morte. O ciciar da mata não se ouvia mais.

Os troncos de algumas árvores da floresta atingiam dois metros de diâmetro. Eram formações interessantes, permitindo às vezes a passagem da luz, outras refletindo-a com intensidade. Para quem não olhasse com mais atenção, a floresta dava a impressão de um bloco de vidro gigantesco, sulcado por milhares e milhares de finas rachaduras. A infinidade de reflexos fornecia um quadro confuso de luz e meia sombra. Os olhos não podiam ver com nitidez os objetos, depois de manterem-se algum tempo no reflexo vivo do vidro.

O ar lá fora tinha muitos odores e a maioria deles era bem agradável. Ron não podia distinguir qual deles provinha das peles das serpentes, que Lofty já estava sentindo há mais tempo. Deram-lhe um pouco de perfume das sempre-verdes de Passa para cheirar, mas era mesmo impossível reconhecê-lo no meio de tantos outros cheiros que se desprendiam da floresta.

Ron passeou o olhar ao longo da orla da floresta, tentando descobrir onde se encontrava a sempre-verde. Não viu nada, porém, nenhuma sombra, nenhum movimento. Começou a pensar que tudo não passava de um engano de Lofty. Apesar disso não diminuiu sua curiosidade. Chegou até a apalpar a arma que trazia na cintura.

Lofty continuava impassível. Larry parecia alheio a tudo, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Não perdia de vista o painel dos instrumentos e sua mão se mantinha firme ao volante.

Os minutos foram passando.

De repente, Lofty se afastou bruscamente da janela.

— Lá vem ela — sussurrou ele. — Olhe para o lado direito da casa, que o senhor poderá vê-la.

Deixou o lugar à janela para Ron, que numa excitação febril começou a investigar a direção indicada. Fixou o olhar na cintilação e no tremeluzir da floresta de vidro, tentando descobrir algo. Mas quanto mais forçava a vista, mais rapidamente desaparecia a imagem de seus olhos, transformando-se num brilho único e homogêneo, onde não se podia mais falar em detalhes.

Ron fechou os olhos por uns instantes para poder enxergar melhor. Logo depois se arrependeu do que fez, pois, quando os abriu, a sempre-verde estava diante da muralha de vidro da floresta, de pé, com os quatro braços abertos para lhe servir de equilíbrio.

Teve tempo de observá-la. Um calafrio lhe percorreu as costas. Viu a imensa e redonda cabeça de verme com os muitos orifícios pretos, cabeça esta maior que a espessura do tronco. Viu o corpo de cobra, ágil e cintilante, cuja pele resplandecia num verde-metálico, com trechos mais claros, cobertos de manchas vermelhas, amarelas e azuis. Os braços pareciam sem vida. Os quatro dedos ou garras — compridos e finos — estavam bem esticados.

O corpo alongado se estreitava para baixo. Mas mesmo no ponto em que se apoiava no chão por meio da cauda, conservava o mesmo colorido maravilhoso.

E neste instante, Ron começou a sentir o indescritível perfume que o estranho ser exalava. Um odor agradabilíssimo, superior a tudo o que havia na Galáxia.

Agora que o inimigo havia aparecido, Ron voltou à sua calma costumeira. A mão foi até a cintura e apanhou a arma. Com muito cuidado, para não espantar a serpente, Ron colocou o cano da arma no canto da janela, agachou-se e ficou aguardando...

Atrás dele estava Lofty, suspirando nervoso.

Ron apertou o gatilho. Pela fração de um segundo, ouviu-se o estampido, mas não se notou nenhum raio luminoso e a sempre-verde nem se mexeu. Horrorizado, Lofty deu outro suspiro. Ron se levantou.

— Tudo certo, Larry — disse ele com calma. — Dê uma olhada em volta. Ficaremos alguns instantes aqui.

Neste momento, a sempre-verde começou a se mexer. De repente, seu corpo poderoso e comprido se projetou a mais de um metro para o alto. Quando caiu, apoiando-se no solo com a cauda musculosa, já estava três metros mais para frente e já se preparava para o segundo salto.

Lofty perdeu a calma.

— Atire, atire logo — gritava ele. — Pegue outra arma. A serpente vai nos matar.

Ron segurou o homem pelo ombro e, sem se virar, o puxou para mais perto da janela.

— Um pouco de calma, meu caro! Não vai acontecer nada.

Notou que Lofty tremia muito. Larry Randall deixara seu lugar na direção do aparelho, dirigindo-se também para a janela. Acompanhou com vivo interesse os elegantes saltos, através dos quais a serpente mais se aproximava.

Chegou até cinco metros do deslizador. Depois, dobrou de repente seu enorme corpo. Mais de dois terços dela achava-se agora no chão, e o resto permanecia imóvel e ereto no ar, estando alguns dos orifícios negros da cabeça virados para o aparelho.

— Meu Deus! — balbuciou Lofty. — É esta a posição que elas tomam quando querem conversar conosco. Ela deseja falar conosco. Como é que você conseguiu isto, Landry?

* * *

Ron fez a porta correr para o lado. Já havia colocado na cintura há muito tempo a tal arma misteriosa, que, aparentemente, não fora capaz de disparar um tiro. Desceu do aparelho e foi de encontro à sempre-verde, ficando bem rente a ela.

Lofty, assustado, contemplava a cena com os olhos arregalados.

— Isto... ele não devia fazer — gaguejou ele. — Não pode saber se...

Larry Randall também saltou. Carregava um pequeno aparelho em cuja tampa estavam afixados dois pequenos microfones. Lofty já conhecia este tipo de aparelho. Eram os transdutores, aqueles instrumentos maravilhosos que realizavam conversões lingüísticas.

Larry mostrou tanto respeito pela sempre-verde, como já antes demonstrara seu colega Ron. Colocou o transdutor em frente a ela no chão, pegou um dos microfones ligado num longo fio e o fixou bem rente da cabeça da serpente. Ron segurava com a mão direita o segundo microfone.

Lofty, de tanta curiosidade, perdeu o medo e desceu também do deslizador.

— Nós a cumprimentamos — disse Ron no seu microfone.

A sempre-verde produziu um longo som cantarolado. Em todo ele, parecia haver somente um fonema consonantal. Logo depois o transdutor se manifestou:

— Oh! Não, hoje não. Tenho que voltar logo para casa.

Ron olhou primeiro para o microfone e depois para a serpente.

— Estamos alegres por encontrá-la aqui — disse Ron.

E a sempre-verde, com um som sibilante e modulado seguido de três sons grasnados, respondeu:

— Se não estivesse tão desgraçadamente frio teria feito hoje boa colheita.

Lofty estava rindo.

— Qual é o motivo da risada? — perguntou Ron meio zangado, virando-se para trás, depois de haver desligado o microfone.

— Que besteira é esta que ela está falando?

Lofty continuou a rir com mais prazer.

— É o costume delas — explicou ele. — Antes de chegarem ao próprio tema da conversa, costumam falar sobre coisas totalmente sem importância. Vale para elas como sinal de educação. Cada uma fala o que lhe vem à cabeça, sem prestar atenção no que diz seu interlocutor.

Ron franziu a testa.

— E como que a gente põe um fim nisto?

— Não o aconselho a fazer isto. Ela o tomaria por um grande grosseiro. Fale mais qualquer coisa com ela, pelo menos umas três ou quatro vezes. Depois termine assim: as suas frases bobas me causaram grande prazer... e ela voltará ao seu assunto.

As rugas na testa de Ron ficaram mais profundas.

— Lofty — disse em tom ameaçador — se você me está fazendo de bobo, vai ter uma surpresa muito desagradável.

— Realmente não se trata de brincadeira, Ron. É o único meio certo que você tem para agir.

Ron ligou novamente o microfone e o trouxe à altura da boca.

— Em geral, as casas são quadradas — disse muito seriamente — mas podemos construí-las também redondas.

E a serpente respondeu:

— Exatamente, e se eu tivesse mais algumas folhas, daria uma excelente salada.

— Exatamente ontem, por estas horas, estava caindo do céu.

— Nem me pergunte — respondeu a sempre-verde. — Já faz três anos que não vejo uma praia de mar.

— É isso — continuou Ron — se não houvesse os casulos, não haveria borboletas.

— A maior desgraça são as árvores podres. Quando a gente se encosta nelas, elas caem.

Ron estava contando as frases. Sabia que já dissera muita besteira, para não parecer descortês à sempre-verde.

— Sua conversa boba me proporcionou muita alegria — disse ele, como Lofty havia previsto e sugerido, e a serpente respondeu rápida e bem-humorada:

— A sua também, meu amigo, sou-lhe muito grato por isso.

— Por que vocês estão atacando os colonizadores e não fornecem mais peles? — perguntou Ron e percebia-se pela dureza da voz que queria o quanto antes chegar ao seu objetivo.

— O Ser Supremo chegou — respondeu a sempre-verde. — O Sssst... Fazemos uma festa em sua homenagem. O Ser Supremo nos dá ordens e nós as seguimos.

Os fonemas sibilantes e o dental no meio da frase — Sssst — significavam que o termo não tinha tradução. Ou porque na linguagem dos terranos não havia palavra correspondente ou porque o vocabulário do transdutor idiomático não era suficiente.

Ron ficou imaginando o que podia ser o tal "*Sssst*".

— De onde que ele veio?

A serpente balançou a enorme cabeça:

— Como posso saber de onde veio o... Sssst? Ele é onipresente. Quando lhe apraz, fica por algum tempo em qualquer lugar.

— Como é que ele é?

— Onipotente e Senhor Absoluto. Sua majestade ofusca nossos olhos.

— E onde vive ele?

— Lá na floresta. Além da montanha do... Sssst, nas cavernas de... Sssst. Nós o adoramos lá.

Ron parecia um tanto desanimado. De que lhe adiantavam todos os esforços até então, se o transdutor não assinalava exatamente o termo mais importante?

— O que vocês fazem com os prisioneiros?

— Nós os oferecemos ao... Sssst — respondeu a sempre-verde, com toda naturalidade.

— E com os terranos mortos?

— Nós os mostramos ao... Sssst para que ele saiba que mesmo lutando nós pensamos nele.

Ron sentiu o corpo gelado.

— Onde é que vive o Ser Supremo? — disse ele, terminando seu interrogatório.

A serpente apontou para a floresta. O gesto cobria um ângulo de cerca de trinta graus. Conforme os cálculos dos terranos: do nordeste para o leste.

— Mais ou menos ali — respondeu o ser estranho.

E em termos gerais, a informação não era pior do que o que já havia ouvido.

Muito antes de iniciar este diálogo, Ron confeccionara uma lista das perguntas que desejava fazer à primeira sempre-verde que encontrasse. Já fizera uma parte delas, mas chegou à conclusão de que não valia a pena prosseguir. Deixara de considerar duas coisas capitais: o modo totalmente estranho de pensar das serpentes e o fato de que os colonizadores de Passa não se deram jamais ao trabalho de obter informações mais exatas sobre o ambiente e os costumes, em que viviam os habitantes primitivos do planeta.

Expressou sua gratidão à serpente e em seguida disse algo que deixou Lofty Patterson boquiaberto:

— Você vai ficar agora deitada aí — explicou ele — até que o sol desapareça atrás do telhado daquela casa. Depois, pode se levantar e ir para onde quiser. Mas haverá de esquecer que se encontrou conosco e de que lhe fiz algumas perguntas. E...

Interrompeu-se de repente. Alguns segundos depois, ainda dava a impressão de querer dizer alguma coisa. Mas virou-se para Lofty e Larry, ordenando-lhes:

— Vamos continuar a viagem.

Quando Larry já estava sentado à direção, Lofty entrou, ainda meio perplexo. Ron tomou lugar ao lado dele. Larry deixou o aparelho subir um pouco acima da altura da casa, onde há dois dias atrás ainda vivia Andy Lever, e, depois de dar uma volta em torno dela, tomou o rumo da floresta de vidro.

Lofty ficou olhando para trás. Lá embaixo, estava deitada a serpente, com os dois primeiros metros de seu corpo em posição ereta, sem se mexer.

— Como é que o senhor conseguiu isto? — perguntou Lofty, curioso.

E Ron explicou com a maior naturalidade.

— Nossa técnica terrana dispõe de uma grande série de armas. Entre elas, as que influenciam a massa cefálica ou a substância do pensamento, fazendo com que o influenciado fique sob a vontade do influenciador. Chamamos tais armas de raios psíquicos. O efeito por elas produzido recebe o nome de hipnose mecânica. Não estava muito seguro sobre se este princípio funcionaria bem num cérebro tão estranho como o de uma serpente... mas os senhores viram que funcionou. Quando aquela criatura lá embaixo voltar a si daqui a uma hora ou mais, haverá de ter esquecido nosso encontro. Lofty ouvia tudo maravilhado:

— O senhor ainda queria lhe dizer alguma coisa, não é verdade? — perguntou Lofty, depois de longa pausa. — Interrompeu a frase com um e...

Ron sorriu.

— Você observou bem, Lofty. Sim, eu ainda lhe queria dizer que ela jamais tocasse num terrano daqui para frente, muito menos o prendesse ou matasse.

— Seria uma ótima idéia — acudiu Lofty. — Por que não lhe disse isto?

Ron levou mais tempo para responder.

— O Sssst deve ser uma criatura inteligente. Ficará certamente desconfiado se um de seus súditos deixar de repente de lhe trazer terranos como vítimas. E queremos evitar esta desconfiança, pelo menos até que tenhamos em mãos este espírito do mal.

4

"Não vos irriteis conosco, ó Altíssimo. As vítimas estão diminuindo e nossos guerreiros mal as conseguem pegar. Não vos irriteis conosco, Ser Supremo, lutaremos para vos trazer novas vítimas. Tende piedade de nós, invencível Ayaa-Oooy!"

Este deslizador não era como os demais. A espaçonave Laramie o trouxera da Terra. Com seu potente gerador, podia criar em torno de si um envoltório de proteção quase que invulnerável. Talvez só não resistiria a um ataque simultâneo de dez ou mais bocas-de-fogo de grande calibre.

Até o pôr do sol, a pequena expedição já ultrapassara a entrada da floresta por mais de trezentos quilômetros.

Lofty mostrou que tinha boa memória, apontando, mesmo antes de alcançarem, os menores detalhes da topografia. Era de fato admirável, pois fazia mais de dez anos que o velho não voltava à selva virgem. E neste local onde estava agora, sua última visita fora há mais de vinte anos.

— Deveríamos ver um rio por aqui — disse ele, quando o sol azul estava quase se escondendo no poente. — Direção nordeste para sudoeste, não muito ampla. Em muitos pontos, as grandes árvores das duas margens chegam a entrelaçar suas copas em cima da água.

Ron concordou sorrindo.

— Bem, é lá que vamos aterrissar. Lofty se remexia meio nervoso em sua poltrona:

— O senhor tem certeza de que o envoltório de proteção é super-resistente?

— Naturalmente. Por quê?

— É cisma minha. Pequenos insetos, como os percevejos de Passa, não conseguirão passar através dele?

Ron abanou a cabeça.

— Não passa nem mesmo uma molécula de ar. Está mais tranqüilo agora?

— Claro que estou. Fico, às vezes, preocupado com o pensamento de que o senhor não avalie bem os perigos que nos cercam. Vive aqui uma quantidade espantosa de animais de toda espécie. Alguns são tão pequenos que a gente tem a impressão de que não podem fazer nada contra nós, até que penetrem em nossa pele e comecem a andar pelo corpo a fora. Então a gente tem que se dar por feliz caso encontre um médico que entenda alguma coisa da medicina de Passa... Do contrário, está tudo perdido.

Ron não respondeu nada. Um pouco mais para frente, surgiu o mencionado rio, como uma linha escura na cintilação azulada da floresta. O branco ofuscante do dia já desaparecera, um disco azulado pendia no horizonte, mergulhando aquele mundo numa luz quase irreal. No lado oposto, porém, onde devia começar a noite, desenhava-se no firmamento uma mancha roxa, que a cada minuto ia ficando mais clara, enriquecendo a escala de cores com novas tonalidades. Era o prenuncio do gigantesco sol vermelho que iria surgir, depois que fizesse mais ou menos uma hora que o azul desaparecesse no horizonte.

Larry subiu um pouco com o deslizador para ter uma visão melhor do local. Alguns minutos depois, o pequeno rio estava bem embaixo do aparelho, uma linha estreita e sinuosa, de água escura, no meio daquela fantástica reverberação azul.

Ron escolheu uma espécie de península, formada nas muitas dobras do rio, como local para o pouso. Larry Randall trouxe o aparelho numa descida tão íngreme que Lofty começou a resmungar e a protestar. No exato momento em que o sol azul atingiu o horizonte, começou a funcionar o aparelho de raios térmicos com que estava equipado o deslizador, destruindo tudo que havia daquelas estranhas plantas de vidro no trecho da quase península, até deixar uma área livre e plana, onde podia pousar sem dificuldade.

A primeira preocupação de Lofty, depois de descer e esticar um pouco as pernas, foi examinar a eficácia do envoltório de proteção, em que realmente não acreditava muito. Naquele ar quente ao lado do rio, zumbiam verdadeiros enxames de insetos miudinhos e, quando naquele lusco-fusco se acendia uma luz, todos esses acorriam para ela, como é próprio dos insetos. A apreensão de Lofty desfez-se quando reparou como aqueles minúsculos bichinhos eram detidos em seu vôo por algo invisível. Ficavam um instante como que dopados, dançando de um lado para o outro, tentando depois um outro ataque. Porém, estacavam, pois uma muralha invisível os detinha. Mesmo assim, Lofty ergueu as mãos, tentando alcançar o algo invisível.

— Formidável — disse ele. — Um meio de proteção assim é uma invenção fantástica.

Larry estava preparando uma espécie de jantar. Apanhou uma porção de latas de conservas. Quando eram abertas, tais latas se aqueciam automaticamente, espalhando um cheiro tentador.

Alimentaram-se bem e com calma. Na extremidade da península, murmurava o rio e o ar — ainda quente — estava envolto numa penumbra macia e pardacenta, enquanto o sol azul sumia no horizonte e o vermelho começava a se levantar.

A floresta os cercava e o espaço além do rio estava cheio de ruídos misteriosos. Larry levou um susto e se escondeu quando, como disse, ouviu de repente um forte gargalhar atrás de si. Com os olhos arregalados de contentamento, Lofty começou a rir do colega inexperiente, explicando-lhe depois:

— Isto é a "*gargalhada da floresta*". Você ficaria ainda mais admirado quando a visse frontalmente. Não é maior do que minha mão, mas é tão feia, que Deus não poderia ter criado coisa mais horrenda: é um sapo mesclado com gafanhoto. Naturalmente não produz este ruído todo com a boca, mas esfregando uma na outra suas patas dianteiras.

Momentos mais tarde, vibrou no ar quente um ronco cavernoso como se ali por perto estivesse passando um possante avião a jato. Conforme a informação de Lofty, tratava-se simplesmente de um grito de guerra de um búfalo de vidro, que, conforme Lofty dissera, apesar de seu nome pomposo, não era maior do que um coelho.

Podia-se ficar ocupado horas inteiras em ouvir os ruídos da selva e deixando que Lofty os fosse explicando.

De repente, porém, os tambores começaram a tocar.

Aliás, ninguém a não ser Lofty estava em condições de identificar o ruído. Começou por um zumbido baixo, profundo, como se ao longe estivesse vibrando o som de um grande sino. Lofty ouvia com muita atenção.

Larry lhe quis perguntar alguma coisa, mas o velho, com um gesto de mão, o obrigou a silenciar.

O zumbido aumentou, mudando depois de tonalidade, soando mais agudamente. Depois abaixou o volume e o tom, sem porém voltar ao que era antes. E continuou assim. Aumentava ou diminuía a intensidade e alternava a tonalidade a espaços irregulares.

Toda a atenção de Lofty continuava ainda ocupada pelo estranho toque de tambor. O ruído cessou. Porém voltou logo depois, com menor intensidade, aparentemente de local mais afastado. Lofty estava agora em condições de explicar todo o assunto.

— As sempre-verdes estão se comunicando e dando seus sinais. Usam para isto uma espécie de tambor que na realidade não é outra coisa do que troncos ocos de vidro colocados em cima de cavaletes. Entendo um pouquinho da linguagem de seus tambores. Conceitos importantes são expressos por tonalidades diferentes e também por volume diferente. É claro que se trata de uma linguagem primitiva. Não se pode dizer muita coisa a respeito. Mas para elas, é suficiente.

Ron concordou.

— Mas então, Lofty, o que você entendeu de tudo isto?

Lofty cocou a cabeça.

— Se não tivesse escutado com meus próprios ouvidos e uma outra pessoa me dissesse, eu o chamaria de louco. Mas as serpentes parecem realmente ter encontrado uma espécie de deus ou de ídolo, que estão adorando no interior das selvas. Os tambores dizem que este deus não deve perder a paciência, mas sim permanecer com eles. Dizem também que haverão de conseguir mais vítimas para oferecer a ele.

Ron e Larry não ficaram muito surpresos com a explicação.

— Agora sabemos quem é o "*Sssst*" — comentou Larry.

— Terá ele algum outro nome? — perguntou Ron.

— Isto não lhe posso dizer — respondeu Lofty. — A linguagem dos tambores é muito diferente da que as serpentes falam. Por exemplo, o que normalmente se chama "*üüüchi*", aqui é simplesmente um zumbido. Pode-se compreender os conceitos, mas não as palavras.

— Uma outra pergunta — interveio Larry. — Será que as sempre-verdes mencionariam alguma coisa a nosso respeito em sua mensagem dos tambores, se soubessem que estamos penetrando em suas florestas?

A resposta de Lofty veio sem demora:

— Certamente que sim.

— Já que não dizem nada sobre, isto significa que não sabem nada de nós.

— Também estou certo disso.

— Isto é muito bom — continuou Larry, contente. — Não gostaria que a atenção deste deus esquisito se voltasse muito cedo para nós. Poderia nos causar muito aborrecimento.

Olhou com ar malandro para Ron, e Lofty teve a impressão de que havia algum segredo entre os dois.

Qual seria?

* * *

A sempre-verde com quem Ron conversara estava ainda deitada no chão, atrás da casa de Andy Lever, quando o sol azul já desaparecera há muito no ocaso e o vermelho já iniciara sua ascensão.

A grande cobra não tinha o menor sentido pela beleza de seu mundo, naquele momento em que a luz fraca e avermelhada do sol maior se espalhava sobre o planeta e o

grande disco, mais parecido com uma lua do que com um sol, subia lento no céu. Primeiro, estava acostumada a este espetáculo diário, pois Passa era sua terra e, durante toda a sua vida, fora do sol azul, não vira outro a não ser este gigante vermelho, com o céu amarelado por detrás. Segundo, ela estava quebrando a cabeça com alguma coisa.

Tinha que fazer alguma coisa de que não conseguia se lembrar. Tinha que se levantar e ir embora.

Por que não o fazia? Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Alguma coisa não estava certo. Devia ter-se esquecido de alguma coisa. E o que seria?

* * *

Na manhã seguinte, ainda antes do nascer do sol azul, o deslizador se levantou da pequena península, desta vez dirigido por Ron. Lofty deu a entender que jamais fora além deste rio e que se encontravam agora numa região onde jamais penetrara um terrano.

Além do rio também não existiam mais nomes. O rio chamava-se Windside. Por que, ninguém sabia. Era, no lado do leste, o último acidente geográfico assinalado com um nome terrano, o que provava que os terranos, no correr dos longos anos de colonização de Passa, não conseguiram chegar até ali por outro meio que não fosse um deslizador cômodo e seguro.

Mais para o leste, era-lhes tudo terra nova e virgem. As montanhas que após uma hora de vôo surgiram no horizonte não tinham nenhum nome. Há cinqüenta e quatro anos, a equipe de medição da frota terrana se contentara em sobrevoá-las, assinalando-as no mapa geral do planeta. O seu batismo seria deixado para os colonizadores. Mas estes não chegaram a tanto...

As explicações de Lofty fizeram com que Ron Landry chegasse a outros pensamentos no tocante à expedição. Ainda tinha na memória as palavras de Nike Quinto: Os saltadores haviam se fixado em Passa e estavam levando os nativos, com algum de seus truques, que não eram poucos, a desfazer a amizade e o bom entendimento reinantes até então entre eles e os terranos.

Se a situação fosse mesmo esta, eles, os três terranos no deslizador, teriam de se haver com adversários de alta categoria, assim que chegassem ao seu objetivo.

Quando estivessem além das montanhas, se encontrariam a mais de mil quilômetros de Modessa, a cidade mais próxima. É claro que a distância não significava tudo, em se tratando de enviar um pedido de socorro. Froyd Coleman e o Major Bushnell, em Modessa, haveriam de ser logo informados do que se passava no trecho das florestas inexploradas. Mas o Major Bushnell ainda estava ocupado em reorganizar uma frota de vigilância, para que pudesse reservar uma parte dela para prestação de socorro urgente. Talvez, dentro de cinco ou seis dias, estivesse em condições de poder enviar um cruzador para prestar socorro, caso Ron o solicitasse. Até então só podiam mesmo contar com as poucas forças de Froyd Coleman. E isto não ia além de vinte ou trinta deslizadores, com duzentos ou trezentos homens, que levariam dia e meio até alcançá-los, e talvez alguns aviões que, num terreno muito acidentado e montanhoso, pouco ou quase nada poderiam fazer.

Esperar até que Bushnell tivesse reagrupado todas as forças, seria impossível. Cada dia que passasse inutilmente daria mais tempo aos saltadores para resguardarem suas posições. Tinham que atacar o mais depressa possível.

Além disso, os recursos de Bushnell e seus rápidos destróieres deviam ser utilizados somente em última hipótese, pois não se devia de maneira alguma assustar os nativos.

Um ponto vital da psicologia colonial era a exigência de jamais mostrar aos nativos a superioridade da técnica terrana no sentido de destruição. A experiência havia demonstrado que a partir deste momento, eles teriam mais medo dos terranos, porém, nenhuma amizade mais.

Por qualquer ângulo que se olhasse, as perspectivas não eram nada encorajadoras. Contavam apenas com uma única vantagem que lhes podia servir de consolo: o deus das serpentes, que provavelmente devia ser qualquer criação dos saltadores, não tinha a menor noção de que os terranos estavam a caminho.

Quem sabe, o fator surpresa poderia ajudá-los a resolver o problema mais rapidamente?

* * *

Quando o sol azul surgiu novamente no céu, a sempre-verde continuava ainda no mesmo lugar em que Ron Landry a deixara. A coitada sentia fome e sede e a pele começava a lhe comichar, por já estar no tempo de mudá-la. Não podia, porém, fazê-lo, pois para isto necessitava dependurar-se no galho de uma árvore, com a cauda enrolada neste e a cabeça pendendo para o chão. Como podia fazer isto num lugar onde não se podia mover?

Quebrava a cabeça para descobrir o que esquecera de fazer e por que seus músculos não mais lhe obedeciam. Uma sensação de pânico se apoderou dela, quando se apercebeu de que poderia morrer de fome e de sede naquele local ou mesmo abafada pela própria pele, caso não lhe ocorresse logo o que havia de errado. Mas este pânico em nada a vinha ajudar. Seus pensamentos se embaralhavam, girando confusamente em torno do estado angustioso em que se achava e tentando em vão descobrir do que se esquecera. Sofria muito.

E o que seria?

* * *

Após sobrevoarem as montanhas, Ron Landry ligou o transdutor e começou a ouvir a gravação da conversa que tivera com a serpente ao lado da casa de Andy. No ponto em que a serpente dizia: "*Lá na floresta. Além da montanha do... Sssst...*" Ron parou a fita. Fez com que o seletor apagasse o fonema sibilante e no lugar dele falou num dos microfones a palavra "*interior*". Depois fez a fita voltar e tocar de novo. E desta vez, disse a voz gravada: "*Lá na floresta. Além da montanha do interior*."

Finalmente Larry Randall assinalou no mapa, onde havia somente o percurso da cadeia de montanhas, o novo nome, enriquecendo assim a geografia de Passa com mais um dado. Futuramente, ninguém mais que conversasse com uma sempre-verde sobre as montanhas do interior, iria ter dúvidas quanto à sua localização, pois os transdutores existentes em Passa eram aferidos anualmente para o confronto de novas expressões. E Ron haveria de cuidar para que o nome fosse oficialmente registrado nos mapas.

O nome "*interior*" não fora nenhuma escolha arbitrária. A julgar pelo mapa, a cadeia de montanhas estava de fato no coração do grande continente equatorial.

Ron manteve o veículo sempre bem rente das escarpas e dos grotões da montanha. Somente assim lhe era possível penetrar mais para o leste, sem ser percebido pelos saltadores. A floresta de vidro atingia alturas assustadoras. Até cinco mil metros ainda vicejava firme a mata impenetrável. O interessante é que depois desta altura, não havia

uma zona de transição, que passasse de plantas menores e mais fracas até a solidão das rochas dos altos píncaros. Não, o cascalho e a rocha tocavam diretamente a orla da mata virgem.

Fora disso, o quadro não mudara. O que viam abaixo de si era sempre o mesmo teto de vidro. Neste longo dia, o deslizador penetrou até as quebradas do outro lado do maciço central. Mas desta vez, não foi tão simples conseguir um ponto bom para aterrissarem. O uso dos raios térmicos, que limpavam o chão dos arbustos maiores, devia ser evitado a todo custo, pois qualquer tipo de ruído haveria de chamar a atenção das serpentes, que tinham um ouvido sensibilíssimo, como explicara Lofty. Por exemplo, o som de uma palavra falada com toda calma, elas podiam ouvir nitidamente a duzentos metros de distância.

Por isso, Ron rodou bastante, até encontrar no meio da brenha um ponto onde a vegetação parecia menos crescida. Cauteloso, foi descendo com o aparelho, desviando-se lentamente dos galhos das árvores.

Finalmente mergulharam sob a copa das árvores, onde reinava uma quase penumbra. Só então, com muita cautela e constantes interrupções, fizeram uso dos raios térmicos. Levaram quase uma hora para deixar o local limpo de plantas maiores, a fim de poderem se instalar com calma.

Nesta noite não tiveram tempo nem disposição para apreciar o romantismo da natureza selvagem, como na noite anterior na enseada do rio. Achavam-se no termo de sua jornada e o inimigo devia estar rondando em torno. Apenas não se sabia quando atacaria...

* * *

Ao se aproximar a hora do crepúsculo, a sempre-verde ainda estava perdida em seus pensamentos. Porém, agora, estes versavam quase somente sobre o triste quadro de sua realidade, do que a aguardava, quando seu enorme corpo, debilitado pela fome e pela sede, acabasse desfalecendo e a pele, em fase de troca, acabasse sufocando seus poros. Não se preocupava mais com o fato de ter esquecido alguma coisa importante que a poderia salvar. Parecia mesmo aceitar seu destino.

Foi neste estado que a encontraram três homens, pouco antes do nascer do sol vermelho. Vieram por sobre a floresta num deslizador que muito se assemelhava ao usado por Ron Landry. Não foi de maneira alguma por acaso que chegaram até aqui. Sabiam que um dos grupos das sempre-verdes do interior da mata estava sentindo a falta de uma das suas componentes. Encontraram-na extraviada atrás da casa de Andy Lever.

Os homens eram altos e espadaúdos. Falavam muito alto e com voz reboante e sempre com tanta convicção como se o mundo todo lhes estivesse aos pés. Riam muito. Chegaram mesmo a dar gargalhada quando viram a pobre serpente naquele estado.

Possuíam um aparelho que funcionava mais ou menos como um tradutor. Perguntaram à infeliz por que ali estava, por que não se movia e quem foi que lhe dissera para deitar ali e não sair mais. As respostas que receberam foram confusas e sem nexo. Tentaram forçar a serpente a se mover, mas não o conseguiram. A única coisa que conseguiram fazer foi içá-la para bordo de seu aparelho, usando uma espécie de empilhadeira. Tomaram depois o caminho de volta para a floresta.

Deviam ter uma idéia bem clara do que havia acontecido com a sempre-verde e esta idéia não podia ser nada agradável, pois seu riso constante desaparecera. Acreditavam naturalmente que, com os meios e medicamentos de que dispunham em algum recanto da

floresta, estavam em condições de lhe fazer voltar a memória e que mais tarde saberiam dela quem a deixara neste estado.

Mas a natureza agiu diferentemente. Sem que os homens o notassem, a serpente começou a troca de pele durante a viagem. A pele de fora, semi-solta, impedia-lhe a respiração. Quando afinal o aparelho aterrissou na floresta, os homens prepotentes de gargalhada estrondosa estavam de posse apenas de uma pele muito cheirosa e preciosa e de um cadáver de serpente de pouco ou nenhum preço.

Um pobre ser inteligente do planeta Passa havia morrido pelo fato de não saber o que era uma casa.

"*Você vai ficar agora deitada aí*", assim soava a ordem, "*até que o sol desapareça atrás do telhado daquela casa...*"

Por não saber o que era uma casa — e não tinha mesmo possibilidade de compreender — também não podia saber quando seria a hora de se levantar e ir embora. E assim ficou ali deitada até que a fome e a sede a extenuaram e sua pele começou a se soltar. Morreu devido à sua própria ignorância.

5

"A desgraça se abateu sobre nós, ó Altíssimo. Uuuyi-Iiio, o príncipe das trevas, cobre-nos com sua sombra, a nós, vossos pobres servos. Ajudai-nos, poderoso Ayaa-Oooy, tende piedade de vossos filhos."

Ron Landry folheava rapidamente as páginas de seu caderninho de apontamentos. Larry seguia-o com atenção. Lofty Patterson, enquanto isto, dava uma busca nas latas de conserva vazias, para ver se encontrava ainda alguma coisa.

— A frota de Bushnell — disse Ron, enfiando no bolso o caderninho de notas — teve apenas duas vezes nos últimos meses sinais falsos, isto é, sinais de orientação que não vêm de nenhum objeto sensível. Larry perguntou pensativo:

— Como agiram em tais casos?

— Nas duas vezes, eram estações da superfície de Passa que falavam. Deixaram na tela uma mancha luminosa, que momentos depois desapareceu. Perguntaram às estações móveis no espaço e receberam a resposta de que nada fora observado. Depois disso, arquivaram o fato.

— Naturalmente, na suposição de que alguma coisa tenha vindo de fora, as estações das espaçonaves o teriam notado, não é?

— Exato. E isto é uma suposição muito plausível — concordou Ron.

Larry levantou o braço em sinal de protesto.

— A não ser que a gente se esqueça de que existam pilotos que executem um hipersalto de transição sem errar um metro e se aproximem a três quilômetros, por exemplo, de superfície de um planeta, fazendo uso de uma velocidade relativamente moderada. Existe gente assim. Nossa frota tem alguns deles.

Ron concordou.

— Muito bem. Então se deveria perceber a distorção estrutural que surge cada vez que uma espaçonave entra em transição ou sai dela, não é?

— Naturalmente — disse Larry. — Eu queria perguntar a respeito disso. O que há, então, com o rastreamento estrutural? Será que no mesmo momento em que... digamos assim, os sinais falsos se manifestam, se constataria um abalo estrutural?

Ron começou a rir de repente.

— Agora, vem a surpresa — disse ele. — Os dois chamados sinais falsos estão separados um do outro por quatorze dias de Passa. Um foi de madrugada e o outro na hora do crepúsculo.

Ficou olhando para Larry, que indagou irônico:

— E então?

— Nas duas vezes, passou bem rente à superfície de Passa, no mesmo momento em que entrava o sinal falso, um supercargueiro em direção à Terra.

* * *

Quando o grande sol vermelho ia bem alto no firmamento, Lofty já estava pronto para dar uma saída com Ron, a fim de estudar a redondeza. Lofty recebeu uma pistola de

raios térmicos, cuja posse o deixou orgulhoso. Foi difícil convencê-lo de que devia guardá-la na cintura. Ron se armou do mesmo modo, levando também o instrumento a que deu o nome de raios psíquicos.

Estavam assim certos de que as sem-preverdes nada poderiam contra eles. Dos saltadores não tinham medo, pois, se suas suposições estavam certas — isto é, de que os dois rebates falsos da estação de rastreamento do Major Bushnell representavam as duas espaçonaves dos saltadores que fizeram uma aterrissagem infeliz em Passa — então tais espaçonaves deveriam ser procuradas entre as montanhas do oeste. Ron não podia aceitar que os saltadores operassem abertamente entre as sempre-verdes. Certamente se manteriam ocultos nos bastidores e se contentavam em influenciar os nativos pela sua criação maravilhosa: o deus Sssst.

O primeiro cuidado de Ron foi verificar se a região era mesmo tão rica em grutas para merecer o nome de "*cavernas de...*" Julgava que isto fosse uma tarefa sem nenhum perigo e fácil. Foi, no entanto, bem diferente do que pensava, mas isto ele não podia mesmo saber, na hora em que partiu com Lofty.

Com um pequeno aparelho de rádio, estavam em permanente contato com Larry Randall, que ficou no local da aterrissagem para vigiar o deslizador. Ron explicara, no entanto, que a ligação de rádio só seria utilizada em caso de extrema necessidade, pois, se houvesse saltadores pela região, estes haveriam de usar certamente aparelhos semelhantes e descobririam as manobras dos terranos.

Lofty, a princípio, tomou a direção do noroeste, por ser o terreno mais acidentado. Com uma agilidade espantosa — e Ron admirou-se — o velho colonizador ia rompendo caminho no denso emaranhado da vegetação de vidro e deixando, nos lugares em que Ron não conseguia passar sozinho, uma abertura suficiente para o major, afastando galhos e troncos com uma musculatura que fazia inveja a muito jovem atleta.

Com o auxílio e a técnica do velho Lofty, caminhavam muito mais depressa do que Ron imaginara. Sobre suas cabeças, o sol vermelho parecia um anão em comparação com o astro de um azul-claro, que era realmente o verdadeiro sol de Passa. As ramagens e troncos da floresta, embora de uma substância vítrea e transparente, reduziam uma boa parte da luminosidade já fraca por si mesma. No interior da mata virgem reinava um quase crepúsculo, onde seria difícil ler um jornal. A tudo isto ainda acrescia o fato de que a luz vermelha, depois de varar a copa da floresta, se dividia em milhares de reflexos nos troncos e galhos lisos e espelhados. Ron via em torno de si, pouco mais do que um cintilar confuso, que não permitia enxergar os detalhes e cansava muito os olhos.

Lofty estacou de repente. Ron, que no momento estava dando um galeio para atravessar um emaranhado de galhos mais finos, não reparou logo e se chocou contra as costas estreitas de Lofty. A reação do velho foi instantânea e maravilhosa. Virou o corpo para o lado e, agarrando-se firme com as duas mãos num tronco, deu um solavanco tão forte para trás que acabou atropelando Ron, por um triz quase o atirando de costas no chão.

Ron soltou um palavrão, mas Lofty virou-se para trás, levantou a mão e a comprimiu contra os lábios de Ron. Este finalmente compreendeu que havia acontecido alguma coisa importante. Acalmou-se na mesma hora e tirou a mão de seu parceiro de sua boca.

Lofty, no maior silêncio, apontava para algo à sua frente, atrás de um tronco caído. Ron olhou por sobre seus ombros. A princípio não viu outra coisa a não ser aquela terrível reverberação de reflexos e, dentro dela, uma cavidade escura que era uma parte do solo da mata, sem maior vegetação. Aos poucos, a cavidade foi se delineando mais

nítida. Percebeu que era um animal do tamanho de uma ratazana. E depois que seus olhos se adaptaram à escuridão, viu que não era um animal inteiro, mas só pela metade. Faltava-lhe a parte traseira, mas o animal se movia mesmo assim.

Era uma cena horripilante. Ron se inclinou para frente para ver melhor, até que Lofty o deteve. Observou a ratazana pela metade e reparou que o que a punha em movimento era uma multidão de besouros pretos, do tamanho de um polegar. Também não moviam a ratazana propriamente, devoravam-na. Devoravam o cadáver com tanta sofreguidão que dava a impressão de que o infeliz animal se arrastava para algum lugar, diminuindo sempre mais a parte visível de seu corpo.

Ron compreendeu, então, a razão do susto de Lofty. Se tivesse dado apenas um passo adiante, teria metido o pé exatamente no meio da infinidade de besouros. E pela voracidade com que atacavam a ratazana, seria fácil supor que levariam poucos segundos para penetrarem na bota plástica do velho e atingirem sua carne.

Aparentemente, eram também muito sensíveis a qualquer ruído. Quando Ron estacou e levantou o pé, devem ter percebido alguma coisa, pois ficaram imediatamente parados. Dois ou três deles se viraram para a direção de onde veio o ruído. Passado algum tempo, talvez por não escutarem outro barulho, continuaram com seu fúnebre banquete.

Ron não agüentava mais de nojo. Sacou vagarosamente da arma de raios psíquicos e a apontou para o amontoado dos escaravelhos. No momento em que apertou o gatilho, cessaram todos os movimentos. Alguns deram um salto para o alto, caindo de costas e permanecendo inertes.

Formidável! Uma dose energética que tinha por finalidade levar um ser inteligente a submeter sua vontade ao poder de outrem, fora suficiente para destruir os diminutos cérebros dos besouros.

— O pior não é a dor que se sente por sua picada — explicava Lofty, em voz baixa. — Não podendo devorar tão depressa com seus dentes ou coisa semelhante, injetam na vítima um líquido que dissolve as moléculas, de modo que lhes basta apenas sugá-las. Este líquido é terrivelmente venenoso ao entrar na circulação sangüínea.

Ron se sentia intimamente arrasado naquele instante. Compreendeu quanta besteira teria feito se não tivesse Lofty ao seu lado. Ali, por exemplo, teria simplesmente dado um pontapé no montão de besouros. Ao continuarem a marcha, Ron se propôs ser mais cauteloso.

O terreno começou a subir de repente e bem fortemente. Por qualquer motivo ainda misterioso para eles, as árvores de vidro cresciam ali um pouco afastadas umas das outras e, apesar do terreno íngreme, os dois homens caminhavam mais rapidamente. De repente, Lofty parou novamente.

Ron viu admirado que estavam numa clareira arredondada e imediatamente se lembrou de que, quando sobrevoaram o trecho, não viram essa tal clareira! Olhou para cima e constatou que as árvores de vidro de todos os lados se inclinavam para a clareira e se uniam no seu centro formando uma verdadeira cobertura, tão densa como em outros lugares. Alguns dos troncos que desta forma escondiam a clareira, estavam do lado esquerdo, a poucos metros acima de uma saliência rochosa. Ron examinou melhor o rochedo, descobrindo que no seu centro havia uma cavidade escura de dois metros de largura e outro tanto de fundura. Estavam, pois, diante da entrada de uma caverna. Uma das cavernas que procuravam. Ron queria passar na frente de Lofty para olhar de perto a entrada. O velho esticou os braços, não permitindo que Ron fosse avante.

— Devagar! Não sabemos o que há lá dentro.

Inclinou-se e examinou o chão com cuidado, antes de pegar umas pedras pequenas e atirá-las no buraco escuro. Ron ouviu quando as pedras bateram lá dentro contra as paredes. Fora deste ruído, não ouviram mais nada.

— Ótimo — disse Lofty, contente. — E agora, aí do lugar onde você está, jogue um jato de luz bem forte para dentro da caverna. Se não sair nada lá de dentro, arrastando-se ou voando, então estamos mais ou menos certos de que não há nada em seu interior.

Ron seguiu suas instruções. Ligou a lanterna e projetou os raios fortes contra a entrada da caverna. Viu muitas saliências e paredes enviesadas que brilhavam no reflexo da luz. Viu também que os raios luminosos se perdiam mais para baixo na escuridão, sem atingir o fim da caverna. Mas não viu nada das coisas que Lofty temia. A caverna estava vazia.

— Bem — disse o velho — agora o senhor pode entrar. O que pretende lá embaixo?

Ele mesmo não sabia. Esperara simplesmente encontrar cavernas nesta região. Algum mistério, o mistério do ídolo Sssst, estava ligado às cavernas. A melhor maneira de desvendar o esquisito mistério seria penetrar nas cavernas e vê-las com os próprios olhos. Seria um bom motivo.

Porém Ron sentia que algo estranho o atraía para o âmago da caverna, com força mágica, de tal modo que seus passos para a escuridão não eram totalmente livres. E uma situação desta, não gostaria de confessar a Lofty.

O velho o seguiu de perto. Depois de ver que a caverna estava vazia, não teve mais receio. Caminhava rápido, olhando tudo em volta.

Penetraram, talvez, dez metros nas galerias, antes de acender a lâmpada pela segunda vez e dirigi-la para o fundo da caverna. O fim parecia muito longe para que o jato de luz pudesse atingi-lo. Continuaram caminhando. As paredes, feitas de rocha lisa e às vezes gotejantes, não apresentavam nada de extraordinário. Estranho era apenas o encanto mágico que emanava do fundo daquela gruta. Ron parou e olhou para Lofty. O velho parecia contente e curioso ao mesmo tempo. Provavelmente não sentia o encanto especial que o atraía. Isto não agradava a Ron.

"*Por que que o velho não sente nada?*", perguntava ele a si mesmo. "*Será que somente eu é que estou sujeito a isto?*"

Neste momento, se ouviu a voz de Lofty:

— Creio que podemos voltar. Não vamos achar nada por aqui.

Ron fez grande esforço para dominar sua ira.

— Quem manda aqui sou eu, Lofty. Não se esqueça disso.

O velho olhou-o espantado, mudando logo a expressão do rosto. Desapareceram as rugas amigas e joviais, surgindo uma carranca de escárnio e de cólera.

— Você acha, é? — respondeu Lofty, com azedume. — Então continue sozinho. Quanto a mim, volto daqui mesmo. E mais tarde, quando estiver se arrastando sozinho pelas florestas, não se esqueça dos meus conselhos, de nenhum deles, senão poderá acontecer que...

Fez um gesto vago para indicar o que poderia acontecer.

— É aqui que se manifesta o malandro! — exclamou Ron. — Abandonar-me sozinho aqui, hein? — sacou da arma. — Não, meu caro, comigo, não. Você tem que ficar até o fim.

Alguma coisa no olhar de Lofty chamou a atenção de Ron. O velho não parecia nada preocupado com a arma engatilhada. Olhou um ponto às costas de Ron, como se algo de novo surgisse naquele instante no fundo da caverna.

Ron caiu no velhíssimo truque...

Virou-se para trás e, no mesmo momento, se arrependeu amargamente, pois, com um fantástico galeio, o velho se lançou sobre ele. Uma forte pancada com a coronha da arma de raios térmicos atingiu Ron na cabeça, jogando-o ao chão. Bateu com o ombro contra a rocha e a dor do choque o deixou mais irritado.

Lofty fora muito rápido. Através de um véu de mal-estar e de dor, Ron o viu bem perto, quando com os braços erguidos e os punhos cerrados voava contra ele. Rápido, Ron esquivou-se, corpo de lado. Lofty foi de encontro à rocha, soltando um berro assustador.

Ron ainda estava muito lento. Seus punhos cerrados não pareceram modificar muito a iniciativa do velho, que agora martelava a cabeça de Ron. Simultaneamente, Lofty levantou o joelho direito e seu adversário, que, com os socos na cabeça se inclinava para frente, recebeu uma violenta joelhada na boca do estômago.

Rolou de novo no chão, mas desta vez sua cólera atingiu tal ponto que dores e mal-estar não significavam mais nada. Num piscar de olho, pôs-se de pé e se atirou como um bólide contra Lofty. Dentro dele, em algum ponto de seu subconsciente, uma voz tentava lhe tornar claro que tudo aquilo era uma loucura; que ele, realmente, não tinha motivos para odiar Lofty, muito menos para agredi-lo daquela maneira; que Lofty também nada tinha contra ele e que os dois se comportavam como doidos.

Porém não quis ouvir voz nenhuma. Estava em plena luta e, naquele ímpeto maluco, atirou o velho no chão. Ouviu quando o coitado soltou um grito de dor aguda e, meio segundo depois, também ele ia de encontro à parede de pedra, batendo forte com a cabeça. Desta vez, achou que bastava para ele. Com a cabeça estalando de dor e um enorme galo na testa, caiu ajoelhado e perdeu os sentidos.

6

"Triunfo, ó Altíssimo, eterna alegria entre vossos filhos. Mais três vítimas vos trazemos em holocausto e esperamos que nossa fidelidade seja recompensada, pois as vítimas eram reis entre os seus. Vossa graça voltou a nos proteger, e nós vos bendizemos, Ayaa-Oooy!"

Larry fazia um enorme esforço para recompor o confuso mosaico das ações em seus pensamentos. Tinha que ajuntar peça por peça para ver se dava sentido. Fazia isto com os olhos fechados. Havia algo dentro dele que o levava a querer continuar de olhos fechados, a fim de não ver o ambiente em volta. Não tinha nenhum motivo para se submeter a este desejo.

Sentara-se ao lado do deslizador e estava contemplando a floresta avermelhada, a misteriosa reverberação naquela vegetação transparente e brilhante. Com isso, veio-lhe o pensamento se não se podia transformar Passa num planeta de alto turismo, a fim de que os terranos milionários pudessem ali passar suas férias de uma maneira bem extravagante e mesmo exótica. Estava até ficando meio filósofo. Começou a refletir que a Terra, ainda há duzentos anos, nem sabia o que era ainda um avião. Uma viagem para as estrelas era considerada impossível e uns poucos que pensavam nisto eram chamados de doidos.

Setenta anos mais tarde, há cento e trinta anos, portanto, Perry Rhodan fizera sua estréia nos fastos da História e, daí para cá, as coisas se mudaram rapidamente. Agora, a Terra estava tão evoluída que tinha de proteger suas colônias espaciais da ganância de hordas de aventureiros inescrupulosos. Não só as colônias, como principalmente seus habitantes primitivos.

Larry se lembrara de que, repentinamente, um ódio esquisito contra os terranos se apossara dele, embora ele mesmo fosse um deles.

"*Que fizeram mesmo os terranos?*", pensou, questionando-se. "*Dispararam pelas Galáxias a fora em suas naves mais velozes que a luz, subjugando um planeta depois do outro. Não deixaram aos seus habitantes primitivos a menor chance de levar uma vida própria. Será esta uma raça digna, merecedora do nosso respeito? Não e nunca!*"

O ódio de Larry tomava proporções assustadoras. Seria agora capaz de assassinar Ron ou Lofty se estivessem presentes. Mas o deslizador era de qualquer forma um produto terrano, da técnica terrana, o único objeto em que podia descarregar seu ódio concentrado.

Recordou-se também de que, vez por outra, e por curtos momentos, tinha a impressão de estar louco, principalmente quando, com a coronha de sua arma, se abateu contra o aparelho e começou a quebrar o painel de comandos. Arrancou botões e alavancas, até que, mexendo nos fios, levou um bom choque. Suas loucuras pararam por aí.

* * *

"*Que besteira andei fazendo?*", pensou ele. "*Como cheguei a esta idéia maluca?*"

Queria virar-se de lado, mas não conseguia. Seus ombros esbarravam em algo duro que não cedia. Começou então a se interessar por saber onde estava. E aos poucos, sua curiosidade venceu o desejo de não querer ver nada do que o cercava.

Abriu os olhos.

A primeira coisa que sentiu foi uma luz amarelada e muito forte que o ofuscou. Fechou-os de novo, abrindo apenas um nadazinho para se habituar com a intensa claridade. A segunda coisa que notou foi que o ar em volta dele exalava perfumes muito agradáveis, que aliás lhe pareciam conhecidos. Mas no estado em que estava sua mente, precisou de algum tempo para se lembrar de que as peles das sempre-verdes também tinham este cheiro.

Estava num local que, a julgar pela dureza, devia ser um chão de pedra. Caso se levantasse, haveria de ver mais do que aquela claridade ofuscante. Portanto, resolveu se levantar.

O que viu, então, não era tão tranqüilo como a luz forte e tão agradável ou como o odor dos perfumes de Passa. Viu uma galeria de dimensões exageradas, em cuja parede lateral estivera deitado. O chão desta galeria estava coalhado de, pelo menos, mil figuras, cuja situação certamente não era melhor do que a dele. A grande maioria estava deitada quieta, com os olhos fixos no teto, que distava no mínimo oito metros do chão. Alguns se apoiavam nos cotovelos, mostrando muito pouco interesse no que lhes ia em derredor.

Finalmente, lá estavam dois de pé, perto um do outro, apoiados numa parede, dando a impressão de estarem conversando!

Larry não reconheceu ninguém, que ali estava deitado ou apoiado nos cotovelos. Sentia-se, porém, certo de que se tratava dos homens, ou pelo menos de uma parte deles, que as sempre-verdes aprisionaram ou seqüestraram. Inclusive aqueles cuja expedição punitiva contra as serpentes fracassara de uma maneira tão surpreendente. Os dois, entretanto, que, encostados na parede, conversavam entre si, eram Ron Landry e Lofty Patterson.

Ao reconhecê-los, Larry fez um grande esforço, se levantou e foi até eles. Um homem, no meio de milhares totalmente parados, que de repente se levantasse e fosse para qualquer lugar, daria muito na vista no meio daquela quase letargia. Ron e Lofty interromperam a conversa e olharam para Larry que imediatamente notou a admiração e o horror no rosto deles.

Compreendeu o que pensavam. Caíram de qualquer maneira nas mãos das serpentes ou dos saltadores. Não sabiam que ele estava nesta galeria. Não conseguiram achá-lo no meio daquela multidão. Estavam até esperando que Larry poderia vir socorrê-los com o deslizador. E agora, achava-se ele aí, também prisioneiro.

— Sinto muito — foi a primeira coisa que Larry disse. — Mas parece que eles também me apanharam.

Ron pediu-lhe para contar o que se passara com ele e ouviu tudo com muita atenção. Terminando, virou-se para Lofty e explicou:

— O mesmo efeito, está vendo? Ficou irritado de repente e não sabe por quê.

Lofty abaixou a cabeça e disse meio envergonhado:

— E nós, tivemos que fazer um grande esforço para um quebrar a cabeça do outro.

Com poucas palavras, Ron explicou como achara a caverna e o que aconteceu depois. Larry estava cada vez mais horrorizado. Era inegável que alguém estava usando consciente e com muita eficácia uma arma completamente nova — arma cuja atuação consistia em fazer com que homens ficassem tão encolerizados uns com os outros ou contra objetos, que eram dominados totalmente, perdendo sua própria personalidade, fazendo coisas contra sua própria vontade.

Larry encarou Ron.

— Quem está por trás disso? — perguntou friamente.

Ron já estava esperando a pergunta.

— Não sabemos — mas logo depois se corrigiu: — Ainda não.

Larry ia perguntar mais alguma coisa, mas neste instante originou-se um movimento qualquer na outra extremidade da galeria. Larry percebeu os vultos de três sempre-verdes que vinham pulando para o recinto onde jaziam centenas e mais centenas de seres apáticos estirados no chão. Não se sabia o motivo por que e de onde vinham as serpentes. Em ponto nenhum da longa galeria parecia haver alguma entrada ou saída. De qualquer maneira, a visão das serpentes quebrou a apatia e o estado quase de letargia dos prisioneiros terranos. Começaram a gritar desesperados, procurando fugir delas. Larry sentia até nojo, pois o quadro era mesmo horrível. Queria correr para lá, deter a fuga dos homens assustados e lhes dizer que não passavam de miseráveis covardes, fugindo de três serpentes. Mas não tinha dado ainda o primeiro passo, quando sentiu uma mão forte em seu ombro.

— Calma, meu jovem — disse Ron, com voz extremamente baixa. — Isto não tem sentido. Em qualquer lugar por aí estão muito mais serpentes do que podemos imaginar. E apalpe agora a sua cintura.

A mão de Larry desceu para o local da arma e não encontrou nada.

Como ia se mostrando um homem imprudente! Naturalmente que não se esqueceram de desarmá-los, antes de trazê-los para cá.

Ron tinha razão. Não podiam fazer nada contra as serpentes, pelo menos por enquanto.

As três sempre-verdes, com seus pinotes desajeitados, alcançaram a última fila dos fugitivos, quando a primeira deles atingiu as paredes da caverna e a fuga foi chegando ao fim. Larry viu como uma das serpentes pegou um terrano, com dois de seus braços, e carregando-o acima das cabeças dos prisioneiros, deu meia-volta e regressou.

A cena foi tão rápida que Larry só compreendeu o que se passou, depois que as serpentes haviam penetrado na parede da galeria, onde ninguém supunha uma saída.

Estavam carregando suas vítimas, vítimas para deuses assassinos e desumanos.

Os três prisioneiros nas garras das serpentes pareciam não ignorar seu destino. Gritavam tão alto que abafavam o vozerio que enchia a galeria. Larry viu como os coitados esperneavam e se debatiam. Viu-lhes os rostos vermelhos da força que faziam e do medo que lhes ia na alma. Ouviu os gritos dos últimos quando penetravam na saída invisível.

* * *

Depois deste incidente, não sobrou mais nada da calma e do autodomínio de Larry. Estava disposto a enforcar com suas mãos as serpentes e aqueles que as induziam a cometer tais crimes.

Lofty voltara a si e suas rugas não tinham mais a jovialidade de sempre. Quando alguém falava com ele, não respondia nada. Ron era o único que ainda estava em condições de pensar friamente, de ter os pensamentos necessários para o momento. Constatou que a multidão dos prisioneiros voltara de novo para a grande galeria, espalhando-se por igual naquele amplo recinto. Os homens tornaram a se deitar. Parece que já haviam esquecido o tétrico acontecimento. Felizes por não terem sido pegos, mergulharam de novo na costumeira apatia.

Ron sabia de onde provinha esta apatia. Sabia também o que havia de encontrar se tentasse agora procurar uma saída ao longo das paredes da galeria. Nada. Ou melhor, a

mesma coisa que todos estes homens acharam, cada um por si, ou em grupos: Não havia nenhuma saída. Pelo menos, nenhuma saída que pudesse ser aberta por dentro. Não restava a menor dúvida de que lá fora existia um grande número de serpentes, para evitar qualquer tentativa de fuga.

Havia ainda mais um argumento que contribuía para aumentar o estado desesperador em que se achavam: Esta galeria se encontrava em algum lugar no centro do denso emaranhado da floresta de vidro. A orla da floresta do lado do oeste distava pelo menos quinhentos quilômetros da cidade mais próxima. Portanto, estavam com mais de mil quilômetros de isolamento. Quem iria tentar uma marcha destas dimensões?

Se, apesar de tudo, Ron começou a investigar as paredes da galeria, ele o fez primeiro porque já se sentia mais confiante nos próprios olhos, que aliás já estavam bem treinados, e segundo porque estava convencido de que era sempre melhor fazer uma coisa sem sentido, do que ficar parado por ali e cair naquela modorra letárgica.

Continuou, pois, caminhando. A galeria teria, talvez, uns cem metros de comprimento e mais ou menos a metade na largura. Tinha, portanto, que percorrer ainda um bom trecho.

Deixou Larry e Lofty para trás, que provavelmente não teriam nenhuma vontade de acompanhá-lo.

Logo após os primeiros passos, percebeu para que este giro lhe ia servir: poderia refletir mais calmamente sem ser perturbado pelas lamúrias irritantes de Larry ou pela cara triste de Lofty. Havia mesmo umas tantas coisas, sobre as quais devia pensar melhor.

Uma delas estava logo na sua frente: era a iluminação da galeria. No teto estava afixada uma séria de lâmpadas de vidro comum. Notava-se que foram ali colocadas às pressas. Algumas estavam até tortas. Os fios corriam um trecho na rocha bruta e desapareciam então em algum buraco.

Mas, por mais apressadamente que tivessem sido ali colocadas, uma coisa era insofismável: as sempre-verdes não conheciam nenhum tipo de iluminação elétrica, nem instalada com capricho, nem às pressas. Aquelas lâmpadas eram, pois, a primeira prova de que os saltadores estavam com os dedos no jogo de Passa.

Outra prova eram as saídas que abriam e fechavam sem o menor ruído, sem que ninguém tivesse que mexer em trincos ou apertar botões. Também isto era dos saltadores. Foram eles, naturalmente, que construíram este campo subterrâneo de prisioneiros.

Por quê? Por que iriam se preocupar com o local onde as serpentes escondiam seus prisioneiros? Por que fazer tanto esforço na construção de um campo de concentração de prisioneiros à prova de fuga, quando só se interessavam pelos lucros comerciais que podiam auferir de Passa?

"*Nenhuma resposta, por enquanto*", pensou Ron. "*Para isto sei ainda muito pouco*."

Mais ainda: Lofty Patterson havia depreendido da mensagem dos tambores das sempre-verdes que elas pretendiam aplacar a fúria de seu deus porque o número de vítimas que lhe era oferecido em holocausto contínuo havia diminuído. E aqui estavam mais de mil delas e todos na galeria sabiam que os três, que eram levados a cada noventa minutos, iriam ser imolados instantes depois no altar do deus insaciável.

Será que mil vítimas lhe eram pouco? Que monstro seria este deus?

Também nenhuma resposta.

Havia uma terceira pergunta, sobre a qual Ron já pensara bastante e que tinha ainda de deixar sem resposta: Como foi que as serpentes descobriram tão depressa sua pequena expedição? O repentino acesso de loucura de Larry e mais ainda a briga estúpida em que ele mesmo se empenhara com Lofty, deixando-os inconscientes, voltando a si somente

mais tarde, já nesta galeria — tudo isso indicava claramente que elas estavam esperando o momento propício para aprisioná-los.

Como foi que as sempre-verdes os descobriram? E, caso as serpentes não tivessem tomado parte em nada disso, como é que os saltadores se arranjaram nesta solidão de florestas e de montanhas?

Existia mais uma coisa que preocupava Ron, durante sua caminhada: Os saltadores deviam saber que a Terra não ficaria impassível perante esta matança sem sentido dos seus colonizadores. O respeito dos terranos para com a alma sensível dos nativos tinha obviamente seus limites. O misticismo sangrento provocado pelos saltadores em torno do deus das serpentes havia há muito ultrapassado as raias do crime. Deviam estar conscientes de que, mais cedo ou mais tarde, teriam de se haver com a frota terrana e que a rivalidade comercial viraria guerra total. Uma guerra na qual os saltadores haveriam infalivelmente de perder para sempre o precioso mundo de Passa.

Por que razões enveredavam por tais caminhos? Por que não apelavam para um de seus costumeiros truques inescrupulosos, onde não acontecessem assassinatos, a fim de abocanharem uma parte dos lucros de Passa?

Ron julgava saber as respostas para estas indagações. Eram por demais óbvias e evidentes para lhe causar pânico.

Os saltadores teriam encenado todo este aparato na intenção de obrigar a Terra a uma guerra circunscrita ao planeta. Sendo isto verdade, deviam ter já um grande trunfo nas mãos, o que os fazia crer numa vitória fácil. Agora, que trunfo era este?

Ron quebrava inutilmente a cabeça a respeito.

Porém, agora estava convencido de que a situação era bem mais séria do que podia imaginar, há poucas horas atrás.

7

"Queremos vos prestar uma grande homenagem, ó incomparável Senhor! Queremos vos ofertar três príncipes das trevas para que permaneçais para sempre conosco, pois reconheceis a fidelidade de vossos filhos e os protegeis de todos os perigos, Ayaa-Oooy."

Durante dois longos dias, não conseguiram melhor resultado do que ouvir da boca de dois ou três colegas prisioneiros a frase de completa apatia: *"— Ah! Deixe-nos em paz.*"

Assim, o esforço de Ron e de seus dois companheiros para estimular a vontade de reação daquela multidão foi quase inútil.

Voltava, pois, de seu giro, sem muito sucesso. É verdade que achara o ponto em que as sempre-verdes entravam a saíam. Mas nem tentou abrir esta passagem. Sabia que não iria dar resultado.

A vida na galeria era a própria monotonia. Cada hora e meia, surgiam as serpentes para apanharem três vítimas. Duas vezes no período de vinte horas apareceu um grupo maior delas arrastando alguns tonéis cheios de comida — a massa pastosa e sem sabor nenhum — e também água. Os prisioneiros quase não ligavam à comida, não tinham fome e o alimento que se lhes apresentava era tudo, menos gostoso.

Evidentemente que aquela caverna no fundo da rocha não dispunha de instalações sanitárias. Conseqüência: o ar se encheu aos poucos de uma fedentina tão forte, que nem se sentia mais o suave perfume das peles das sempre-verdes, quando entravam. Ron estava preocupado com que a falta de higiene gerasse doença, e procurava alertar outros colegas a respeito. Mas, para quase todos eles, era a mesma coisa morrer no altar do falso deus ou perder a vida pela febre tifóide.

Assim era a situação, quando Ron conferiu o relógio e viu que eram passadas quinze horas desde seu despertar do estado de inconsciência. Constatou que a apatia geral também estava tomando conta dele. Reconheceu igualmente que Larry e Lofty deviam estar com a mesma disposição de espírito. Não mais conversavam. Para quê? Era tudo inútil. Podia-se ver nas suas fisionomias como se deviam sentir.

Ron percebeu que tinha de acontecer algo diferente, para que o estado de apatia geral sumisse. Chegou mesmo a convencer-se de que seria melhor fazer qualquer coisa, mesmo ilógica, do que ficar ali deitado naquele marasmo, contemplando o teto da galeria e deixando-se dominar por aquela letargia.

Aos poucos se cristalizou um plano em sua mente. Plano que merecia só um adjetivo — plano mortal. Mas era suficientemente convincente para entusiasmar Larry e Lofty, pois, por mais arriscado que fosse, tinha uma alternativa. Deixava uma opção. E esta escolha era: Ou nós, ou os saltadores.

* * *

Ron olhou para o relógio.

As sempre-verdes não eram muito pontuais. Às vezes, chegavam um pouco antes da hora e meia, outras, atrasavam-se alguns minutos. Desta vez, optaram pela segunda "*modalidade*".

Para os que aguardavam aquele momento, era sempre o mesmo sofrimento.

Ron refletiu sobre o que ia dizer. Mas não se lembrou de nada novo.

— Abram os olhos e não deixem escapar nenhuma oportunidade — foi tudo o que conseguiu dizer, pois não sabia conselhos melhores.

"*Haveremos de conseguir de qualquer maneira*", refletiu ele, tentando com isto afastar os pensamentos negativos.

Uma leve vibração do solo veio desviá-lo de suas divagações.

Olhou imediatamente para a passagem larga e de pouca iluminação no paredão da galeria, por onde entravam as três sempre-verdes, com os braços já levantados, o par inferior para manter o equilíbrio nos saltos de locomoção, o superior para agarrar as vítimas.

A gritaria frenética se repetiu em toda a galeria. Homens se erguiam do chão e disparavam como loucos. Ron também se levantou, vendo de esguelha que Larry e Lofty também se ergueram, viraram-se e começaram a correr.

Ron notou como era difícil fingir que estava correndo de alguma coisa, como se quisesse escapar. No começo, fez um grande esforço. Mas mesmo assim, com poucos passos, já havia atingido a última fila dos que fugiam, e exatamente isto é que não queria. Tentou andar mais devagar e deu uma olhada para as sempre-verdes, que não modificaram sua velocidade, continuando com seus saltos no mesmo ritmo, apoiando-se na cauda musculosa. Sabiam que, mesmo sem se apressar, apanhariam o que desejavam.

Num assomo de ódio, Ron corrigiu a direção de sua fuga, virando um pouco para a direita, pois reparou que atrás dele não vinha nenhuma serpente. Por uns segundos, olhou o que se passava com Larry e Lofty. Viu somente Larry, que também corria de uma sempre-verde, a uns cinco metros dele. Ron viu quando tropeçou e caiu no chão, sendo apanhado na mesma hora pelos braços superiores da serpente e levantado quase à altura de sua cabeça.

Era este o modo de agir, simples e sem chamar a atenção de ninguém. Ron prendeu o pé direito atrás do esquerdo e tombou. Rolou um pouco para frente, como se quisesse escapar das garras da serpente. Mas finalmente respirou tranqüilo, quando viu que os dois braços esverdeados se abaixaram para o pegar.

Começou a gritar, como fora combinado. Larry também fez a mesma coisa. Usaram toda a força do pulmão para, com seus berros, abafarem todo o barulho da galeria. Esperneavam e se debatiam freneticamente, como haviam feito até agora as demais vítimas.

Ron deu uma olhada para o lado, à procura da terceira serpente. Estava correndo atrás do prisioneiro que tentara fugir e só agora se abatera sobre ele. Lofty fora bem calmo e inteligente para se deixar prender, sem omitir o falso aparato combinado. Gritava e esperneava como todos.

As serpentes os levaram para fora da galeria. Sua gritaria mudou de ressonância, quando lá fora entraram num corredor semi-iluminado e o som se quebrou no corpo flácido da multidão de serpentes que ali jaziam para garantir qualquer eventualidade. Eram pelo menos duzentas, conforme os cálculos de Ron. A situação era mais ou menos como ele imaginara. Estavam de sentinela ali fora para cortar pela raiz qualquer tentativa de fuga.

Através deste corredor, as serpentes iam saltitando com suas vítimas na direção de uma espécie de câmara. Ron, que ainda continuava gritando, podia perceber de onde vinha aquela iluminação fraca e amarelada. Nos paredões da câmara pendiam tochas bruxuleantes. Os saltadores não se deram ao trabalho de instalar luz elétrica neste recinto,

e as serpentes o iluminaram como costumavam fazer, isto é, com galhos mais novos das árvores de vidro. A câmara era redonda, tendo no lado oposto duas saídas escuras, como constatara Ron.

Neste momento, a sempre-verde que o carregava, se inclinou para frente e o colocou no chão.

A reação dele foi imediata. Sabia o que os demais teriam feito numa situação desta, ao serem depositados no solo. Virou-se e saiu correndo. Usou de todas as forças de que dispunha e chegou até o corredor alto, através do qual a serpente o trouxera, até que foi capturado de novo, erguido no ar e trazido de volta para o mesmo lugar de onde fugira.

Desta vez aquietou-se. Parou de gritar e ficou atento ao que estava para acontecer.

As três serpentes permaneceram por perto. Formavam um círculo em torno dos três prisioneiros. Larry, que conforme as instruções recebidas, depois de ficar parado por uns minutos, tentou uma fuga, foi apanhado e trazido de volta.

Ron ficou muito tempo estudando as três serpentes. Enquanto os prisioneiros se mantinham quietos, elas também se mostravam calmas. Estavam apoiadas na fina, mas vigorosa cauda verde e, se um ou mais orifícios existentes na sua cabeçorra de verme eram olhos, deviam então estar olhando sempre na mesma direção, pois a volumosa cabeça não se mexia.

Os minutos iam passando. Lofty começou de novo a gritar e fazia como se quisesse fugir, deixando assim as serpentes mais atentas. Agiu tal qual um detento que sabe que vai morrer. Mas o que estava gritando era bem outra coisa:

— Com os diabos! Por quanto tempo vamos ainda ficar parados aqui? Por que não acontece nada?

Ron não sabia o que responder. Como poderia saber?

De qualquer modo pareceu que a gritaria de Lofty serviu para alguma coisa, pois de uma das extremidades do corredor escuro surgiram, segundos depois, mais duas serpentes. O aroma das peles intensificou-se.

Não se podia perceber o que pretendiam estas duas últimas. No par de braços superior traziam algo muito colorido dando a impressão de ser uma espécie de tecido. Mas ninguém ignorava que as serpentes nada entendiam de fiação ou tecelagem. Era um tipo de chita. Ron estava olhando estupefato aqueles estampados de mau gosto, de um colorido exagerado, que as duas deixaram no chão. Era um tecido barato, saído, sem dúvida, de alguma fábrica do Império Arcônida. Era, pois, mercadoria trazida pelos saltadores. E o que pretendiam as serpentes com ela?

A resposta não demorou a vir. Um braço poderoso pegou Ron pelo ombro e o virou para trás. Outro braço, mais suave que o primeiro, também o pegou. Num leve escorregar, o tecido lhe caiu pela cabeça abaixo, escurecendo-lhe a visão por um instante. Quando conseguiu ver, estava vestido por uma longa túnica, cheia de figuras grotescas. Olhou para seus dois companheiros, mas com eles acontecera a mesma coisa.

— Socorro! — gritava Lofty. — O que fizeram de nós? Transformaram-nos em palhaços. Quem é que vai acreditar em nós agora?

"*Nós mesmos*", pensava Ron, cheio de ódio. "*Está tudo muito gozado, mas ninguém tem dúvida de que nos preparam para nos oferecer aos seus ídolos*."

* * *

Da câmara para frente, não foram mais carregados. Tinham que percorrer o último caminho para a morte com suas próprias forças. As três sempre-verdes, que os trouxeram até a câmara, continuavam atrás deles, para evitar qualquer tentativa de fuga. Ron e seus

colegas tinham um passo hesitante, tal qual era de se esperar. O corredor era estreito e alto, como as serpentes costumavam construir e, além disso, completamente escuro. A claridade da câmara redonda ficara para trás. Assim que seus passos tornavam-se lentos demais, as serpentes vinham acelerá-los um pouco, empurrando as vítimas com seus fortes braços, até mudarem de ritmo.

Mas não eram propriamente brutas e Ron lamentava isto, pois o que os três terranos precisavam era exatamente de uma boa dose de ódio. Contudo não adiantava nada pensar que as serpentes eram criaturas de bons sentimentos, com quem seria fácil se entender, se atrás de tudo estavam os nojentos saltadores. No momento, isto não lhes adiantava nada; tinham de fugir das serpentes e não diretamente dos saltadores. E caso se apiedassem delas, mesmo por poucos instantes, poderiam estar assinando sua, já quase evidente, sentença de morte.

Parecia não ter fim aquele lúgubre corredor, ainda mais que a escuridão não permitia fazer cálculos da distância. Ron calculava que já tinham percorrido um quilômetro, quando ouviram pela primeira vez um misterioso ruído.

Parecia vir do fundo da terra. De início, soava como um estranho som de sino, faltando, porém, o timbre mais grave. Tornou-se fúnebre, pois enchia o coração dos prisioneiros de um medo primitivo. Pararam para ouvir, mas as serpentes os empurraram para frente. Cada vez mais forte, o estranho som.

Um clarão avermelhado surgiu-lhes na frente, parecendo irromper de um buraco mais para adiante, no meio da escuridão. Quanto mais caminhavam, tanto mais nítido ficava o som. Chegaram por fim à conclusão de que eram sons produzidos por tambores, idênticos aos que já haviam ouvido antes na floresta.

Lofty começou a lamuriar-se. Ron já estava esperando isto, pois era o único entre eles que entendia da linguagem dos tambores.

— Há grande alegria entre eles, dizem os tambores — gritou Lofty se contorcendo, como se tivesse uma crise de nervos. — Alegram-se por este glorioso dia em que vão oferecer a seu deus vítimas tão preciosas. Estas vítimas somos nós, naturalmente.

Ron fechou os olhos, depois os abriu bem devagar, tentando descobrir qual era a origem do clarão avermelhado. Percebeu que a claridade oscilava muito e chegou à conclusão de que devia tratar-se de tochas preparadas especialmente para dar um clarão colorido.

O chefe da malograda expedição recapitulou tudo que observara desde o momento em que foram carregados para fora da galeria. Se mais para frente, durante a cerimônia do sacrifício, que sem dúvida se realizaria, e devia ser dentro de pouco tempo, houvesse uma possibilidade de fuga, teriam então dois caminhos, por onde tentar a fuga: os dois corredores que partiam da câmara redonda.

Não podiam saber, evidentemente, onde iam dar estes corredores. Mas aquele pelo qual vieram, já estava excluído, pois sabiam que ia dar onde se encontravam as centenas de serpentes em estado de prontidão.

É claro que ainda existia a possibilidade de sair uma bifurcação, ali do ponto de onde vinha o clarão avermelhado. Mas era costume de Ron estar bem claro quanto a todas as possibilidades, o mais cedo possível, pois não podia calcular nem planejar coisas de que não tinha a menor noção.

O clarão vermelho foi se aproximando. Ron sentiu algo esquisito.

— Fiquem de olhos abertos! — disse mais uma vez para os dois colegas. — E se vocês mesmos não notarem nada, fiquem olhando para mim. Está claro?

— Claro! — responderam Larry e Lofty quase que juntos.

Foi por muito tempo a última palavra que trocaram entre si. Poucos passos depois, terminou o corredor. Ron percebeu, já um pouco antes, que ele desembocava numa outra galeria, mas muito mais ampla do que a câmara onde foram tão gaiatamente paramentados para as cerimônias do sacrifício. Num ponto, porém, se diferenciava essencialmente de todos os locais que chegara a ver até então: no alto, no teto de pedra, viam-se aberturas ovaladas distribuídas em espaços iguais, por onde entrava a claridade do sol.

Um pensamento percorreu a mente de Ron. Lá em cima estava a liberdade. As clarabóias ovais eram bem largas para deixar passar um homem de estatura normal. E uma vez lá em cima, não iriam se preocupar mais em que galerias havia menos serpentes à sua espera. Mas teve que desistir da idéia. As aberturas estavam a mais de oito metros acima do solo. Teriam que subir na cabeça de uma sempre-verde e dali dar mais um bom salto.

Era uma coisa praticamente impossível.

O que provocava a estranha luz vermelha eram as tochas. No meio do grande recinto, havia um espaço livre, mas em volta dele se comprimiam tantas serpentes, que Ron chegou a calcular em mais de quinhentas. Chegou a tremer de medo. Esperava assistentes para a hora do sacrifício, mas não tanto assim.

No espaço central livre, havia alguns troncos de árvores de vidro, cuidadosamente colocados sobre cavaletes. Diante de cada tronco, estava sentada uma serpente tendo nas garras dois grandes martelos, que faziam com que os troncos emitissem aquela ressonância monótona e cavernosa, ouvida pelos prisioneiros há momentos atrás.

Quando as três vítimas apontaram no fim do corredor, algumas serpentes à esquerda e à direita das batedoras de tambor, saltaram sobre os troncos de vidro e, na mesma hora, o som se alterou.

Fora disso, havia ainda no centro do recinto um quadriculado preto no chão, aparentemente desenhado com carvão. As tochas vermelhas enfraqueceram sua luminosidade, atraindo assim magicamente os olhares de todos. Mas a maior curiosidade das serpentes se convergia para o quadrado preto no chão, a julgar por suas cabeças inclinadas para frente.

Lá, onde o corredor desembocava no grande recinto, os espectadores abriram uma passagem, ao aparecerem as vítimas. Larry, que caminhava na frente, hesitou um pouco. Imediatamente se levantou um leve sussurro entre a assistência e as três sempre-verdes que vinham atrás dos terranos aplicaram-lhes empurrões mais fortes do que antes, para fazê-los apressar o passo.

Cambaleantes, atingiram o centro do recinto. Ron, cheio de curiosidade, queria examinar o quadrado preto. Mas antes que tivesse se aproximado o suficiente para ver melhor, uma das serpentes o agarrou pela roupa e o puxou para trás.

O quadrado significava alguma coisa muito importante. Ron não tinha dúvida a respeito. Estremeceu todo, quando uma forte pancada de gongo ecoou pelo recinto. Na mesma hora, cessou a enervante música dos tambores. Também não se ouvia mais nada do ininterrupto murmúrio das sempre-verdes que até então enchia o ar.

Ron sentiu o perigo que pesava sobre ele. De um momento para o outro, perdeu toda a insegurança e toda dúvida que vinha sentindo até então. Estava ali, sem se mexer, a três metros do quadrado negro, com todos os sentidos aguçados.

De repente levantou-se um rolo de fumaça. Parecia provir do quadrado, embora nele não houvesse nenhuma abertura de onde pudesse sair. A fumaça tornou-se fina e azulada, cheirando a fogo de madeira. Era uma fumaça que fazia Ron pensar muito em sua casa, e

não ficava nada bem aqui, neste local de sacrifício à divindade das sempre-verdes. Tão estranho era o cheiro da fumaça que Ron, por algum tempo, julgou tratar-se de alucinação.

Soou novamente o gongo, surdo e cavernoso. Desta vez, vinha mesmo das profundezas do solo. O quadrado negro desapareceu sob a constante coluna de fumaça, que agora se adensava mais, tornando-se opaca. As vibrações dos gongos ficaram mais fortes e estridentes e vozes berrantes e agudas se misturavam de permeio.

Ron sabia o que significava isto: era a chegada do deus. Como todos os deuses, tinha este também um método especial de se manifestar aos seus crentes, transidos de medo e veneração.

Compreendeu ainda algo mais importante: chegara também o momento para uma ação rápida. Agora, que toda a atenção se convergia para a fumaça sagrada, que subia aos céus, e que ninguém olhava para os três prisioneiros, era o momento.

— Atenção! — gritara Ron para ser ouvido pelos dois colegas ali perto, apesar do som dos gonzos e da gritaria geral. — Ali para dentro!

Estava certo de que Lofty e Larry o seguiriam. Não tinha mais tempo para se preocupar com os dois. Com um grande salto, deixou o local, onde estava sem se mexer, e desapareceu na coluna cinza-azulada da fumaça.

8

"Pecamos... perdoai-nos, Senhor! O príncipe das trevas nos dominou. Merecemos vossa cólera... mas perdoai-nos, Ayaa-Oooy. A vida toda expiaremos nosso erro, se merecermos vosso perdão."

A fumaça o impediu de respirar. Fechou automaticamente os olhos e deixou-se cair para frente. Os braços, deixou-os estirados para sentir o chão debaixo de si. Mas não havia mais chão. Um pavor incrível se apossou dele. Estava caindo.

O medo paralisou-o, mas logo a queda foi interrompida. Caiu sobre alguma coisa macia. Teve a impressão de que essa coisa macia era composta exclusivamente por cabelos. De qualquer maneira, a coisa gritava e estalava assustada, desvencilhando-se. Ron perdeu o equilíbrio e caiu um pouco mais para baixo.

Quando, porém, se levantou, sentiu chão firme. Sem saber por que, rolou para o lado. Ouviu, logo acima dele, dois baques sucessivos. O grito se repetiu, desta vez, porém, num tom quase de pânico. Alguma coisa tombou bem rente a ele no chão e, logo a seguir, outra coisa idêntica.

Segundos depois, ouviu um barulho, vindo do alto, barulho este que parecia uma ameaça. Rolou ainda mais para o lado, embora ainda mantivesse os olhos fechados, não podendo ver o que lhe ia em volta. Bateu alguma coisa no chão a poucos metros dele e um grito, uma voz humana desesperada, fez-se ouvir:

— Corre, é uma coisa horrorosa...

Passos apressados. Alguma coisa atirou Ron para o lado com a impetuosidade de bala de canhão. O coitado foi chocar-se contra o paredão e abriu os olhos, enquanto no fundo se perdiam os passos velozes.

Para sua surpresa, estava relativamente claro em volta. Percebeu uma sombra bem perto dele, com os contornos de Larry Randall. Aquele que soltou o grito angustiante e saiu correndo era Lofty. Do lado direito de Ron, havia uma longa galeria. Esta os poderia levar para algum lugar desconhecido. Lofty já desaparecera há muito.

Mais para frente, lá no lugar de onde Ron viera, continuava a sair fumaça azul do chão. Esta fumaça desaparecia num buraco do teto do corredor. O buraco era quadrado e podia-se facilmente supor que terminaria naquele quadrilátero escuro do chão da galeria. Um pouco da fumaça se perdia também no corredor, prejudicando a visão do local, onde Lofty desaparecera. Ron tentou descobrir o que havia por lá. Larry estava na sua frente. Empurrou-o para o lado, notando que o coitado estava tremendo. Tinha, agora, visão total para a parte traseira do corredor e viu, no meio da fumaça que subia do chão, uma sombra que se movia.

Procurou respirar melhor, pois seu coração queria disparar. Por uns instantes, teve apenas um desejo: virar-se para o outro lado e sair correndo atrás de Lofty. O que se contorcia lá na frente, dentro da fumaça, provavelmente estonteado pela queda, era um monstro de três metros de altura, corpulento e pesado, com quatro braços que se apoiavam nas paredes do corredor, para manter o corpanzil em equilíbrio. Parecia todo coberto de pêlo e, abstraindo-se os dois braços supérfluos, tinha-se a impressão de estar vendo um urso gigantesco andando de pé nas patas traseiras.

Até que a enorme cabeça se destacou da penumbra e apareceu melhor na parte do corredor com menos fumaça.

Que cabeça horrorosa! Sem cabelo, de pele lisa e brilhante. Uma bocarra de lábios finos ocupava quase a metade da cabeça. Olhos redondos, do tamanho da mão de um adulto, sobressaíam tanto da testa ossuda, como se fossem cair a qualquer instante. Lembrava em muito a cabeça de um sapo.

A visão era fascinante e paralisante ao mesmo tempo. O primeiro pensamento de Ron, quase que instintivo, foi que os saltadores estivessem usando um de seus robôs de combate para impingi-lo às sempre-verdes, como seu deus verdadeiro. Os robôs dos saltadores eram de fabricação arcônida. E uma das coisas que mais impressionava os povos primitivos era um ser metálico que se movia com as próprias forças e podia pensar.

Mas aquilo ali não era nenhum robô. O urso-sapo era um ser orgânico. O monstro descomunal estava saindo do meio da fumaça e se encaminhava, ao longo do corredor, na direção dos dois terranos, paralisados de medo e de horror, como que colados no chão.

O urso-sapo estaria provavelmente iniciando sua subida pelo poço da fumaça, no meio de ruídos extraterrenos e da coluna de fumaça azul, para aparecer no local do sacrifício e mostrar às suas fiéis adoradoras suas forças sobrenaturais, exatamente quando os três terranos pularam para dentro do poço, caindo de encontro ao suposto deus das serpentes. Foi isto que brecou a queda dos três, impedindo que se ferissem no choque contra o chão de pedra do corredor. O urso-sapo, que agüentara o impacto do corpo de Ron, acabou perdendo o equilíbrio com o peso dos outros dois e caíra. Por alguns instantes esteve sem forças ou talvez mesmo inconsciente. Mas já recuperara as energias e olhava furioso para aqueles que estragaram sua estonteante aparição miraculosa no cenário da ignorância supersticiosa.

O monstro vinha se aproximando. Seus pés volumosos estalavam no chão duro. Ron esticou o braço para trás, fazendo um sinal a Larry para que o capitão começasse a fugir. Ele mesmo ia recuando, à medida que o urso-sapo avançava. Mas quando viu que, entre ele e o monstro, cintilava no chão do corredor um objeto estranho que atraía seu olhar com força mágica, despertou-lhe um imenso desejo de saltar para frente e apanhá-lo, antes que o urso-sapo o fizesse. Era um objeto volumoso, uma espécie de martelo pesado, de cabo comprido, que só lhe ia dificultar mais a fuga. Mas seria o único comprovante que podia levar dessa aventura horripilante. Portanto, tinha simplesmente de pegá-lo.

Atendendo à sua insistência, Larry saiu correndo. Ele, porém, ficou parado, calculou pela última vez a distância até o urso-sapo e pulou.

No mesmo instante, o estranho ser soltou um guincho estridente de ira concentrada. Ron só tinha olhos para o grande martelo cintilante que queria pegar. Entretanto ouviu as passadas arrastadas que se tornavam mais rápidas, como se o monstro tivesse alguma coisa contra quem se apoderasse do objeto...

Compreendeu de repente que aquilo devia ser a ferramenta com que o deus matava suas vítimas. Era o distintivo de sua dignidade e certamente as sempre-verdes não mais o reconheceriam, sem o mencionado objeto.

Pegou no cabo do tal martelo e, com as duas mãos, o levantou do chão. Ergueu-se e queria correr. Porém, no mesmo instante, reparou que o monstro já estava na sua frente com os dois pares de braços estendidos, para lhe dar o abraço da morte.

Desesperado, Ron levantou a ferramenta e esquivou-se, quase perdendo o equilíbrio. Músculos e nervos estavam na maior tensão e sentia até dor no ombro. Mas o grande martelo se moveu para frente num assomo de ódio concentrado contra o urso-sapo. Fechou os olhos. Ouviu uma pancada surda e sentiu que encontrara o objetivo.

Um grito lancinante reboou no corredor e as mãos de garras compridas procuravam apoio na parede de pedra. Ron apertou o instrumento contra o corpo, como com medo de perdê-lo e disparou corredor a fora.

O corredor parecia não ter fim e o martelo era pesado. Se Ron não tivesse a força de vontade em levá-lo como objeto de comprovação para mostrar a Nike Quinto, já o teria jogado fora há tempo, a fim de correr melhor. Olhou em volta e ouviu passos que o seguiam. Só poderia ser mesmo o monstro, que lhe pareceu antes liquidado, mas que, agora, cada vez mais se aproximava.

Desesperado, pensava em Larry e Lofty: "*Onde estarão eles?*"

Subitamente começou a sentir uma claridade diferente em volta dele. Era mais intensa, mais quente. Um vento agradável lhe acariciava o rosto. Um brilho suave iluminava os dois lados. Acabara de sair do corredor e estava voltando ao ar livre. Caminhava agora numa espécie de garganta. À direita e à esquerda, subiam leves rampas quase desertas, com poucas touceiras de capim. De cima, penetrava a luminosidade forte do sol, de um azul-claro, que se quebrava na superfície plana das rampas. O calor invadia a tal passagem estreita.

Ron sabia que não ia agüentar por muito tempo. Às suas costas, continuavam os passos do monstro, cada vez mais perto e, apesar de não olhar para trás, sentia que apenas dez metros os separavam. Poderia ter subido por uma das escarpas, mas o urso-sapo seria talvez tão bom em galgar como em correr. Do outro lado das escarpas, começava a floresta. E na floresta — sabia muito bem Ron — não conseguiria andar nem cem metros e já estaria nas mãos do monstro.

Felizmente sua cabeça ainda estava funcionando bem, para lhe dizer que devia parar, antes que suas forças se esgotassem. De qualquer maneira, tinha ainda em mãos o grande martelo, com o qual já impusera respeito ao estranho ser.

Um novo acesso de ódio tomou conta dele. Não queria mais fugir. Tinha uma arma em mãos, por mais primitiva que fosse. Ia parar como um homem corajoso e olhar firme na cara do aleijão, o qual não podia evitar.

Os pulmões estavam em ponto de estourar. O terrível calor lhe inundava a testa e os olhos de suor, prejudicando-lhe a visão. Parou de correr. Virou-se para trás e ergueu o pesado martelo, para vibrar o golpe assim que o urso-sapo chegasse mais perto.

O gigante peludo vinha com um largo sorriso na bocarra resfolegante, já com os braços abertos, a fim de receber a vítima e estrangulá-la de encontro ao corpo peludo.

De repente, um sonoro grito de guerra reboou no ar. Duas cabeças viraram para trás, a de Ron e a do monstro. O grito vinha de uma das ribanceiras e, lá em cima, na escarpa do lado direito, estavam de pé Larry e Lofty, atrás de uma verdadeira barricada de blocos de pedra. Os dois gesticulavam alegres.

Ron não conseguiu entender o que gritavam, mas viu quando se abaixaram e a barreira começou a rolar, como se fosse uma avalancha programada!

Uma densa nuvem de poeira se levantou e a avalancha se despencou escarpa abaixo. No meio da poeira, Ron viu pedras volumosas que saltavam no ar e continuavam rolando.

Sabia o que lhe cabia fazer. Com um salto de gigante, jogou-se para o lado e saiu correndo escarpa acima. Tomou o lado direito, a fim de escapar da avalancha. Chegou a sentir o deslocamento de ar, provocado por pedras maiores. Muita pedra miúda passava rente dele.

Mas foi ganhando terreno. Quando estava atingindo a terça parte da encosta, ouviu o impacto da avalancha lá embaixo. No meio de todo o estrondo, pôde ouvir o grito agudo do monstro, que não conseguiu se desviar a tempo.

Ron deu ainda uns passos cambaleantes e caiu no chão. Ofegante, estava deitado na pedra escaldante, sempre segurando bem firme a pesada ferramenta. Sentia alívio e cansaço ao mesmo tempo. Se pudesse, continuaria deitado e dormiria um pouco. Mas sabia que, mesmo com a exclusão do tremendo monstro, o perigo continuava. Ainda estavam em pleno território inimigo. A qualquer momento podiam surgir os saltadores, e estes não iriam tolerar que três terranos desvendassem sua trama suja e voltassem tranqüilos para a cidade, a fim de relatarem o que viram.

Não, a batalha continuava. Não tinha sentido ficar parado aqui. Levantou-se. Foi aí que sentiu como os acontecimentos das últimas horas e minutos o tinham desgastado. Círculos coloridos dançavam diante de seus olhos, impedindo-o de ver o que queria. Reconheceu, entretanto, os dois vultos que lhe acenavam lá do alto, Larry e Lofty. Viu que vinham ao encontro dele e, de repente, sentiu mãos fortes sob seus ombros.

— Formidável! — exclamou Larry. — Conseguimos vencer. O urso-sapo está sepultado sob as pedras da nossa avalancha. Pode-se ver um pedaço de seu pêlo, lá de cima. As sempre-verdes perderam sua divindade e com isto acabará o fantasma. Lofty já deu uma volta por aí. Sabe, mais ou menos, onde estamos. O ponto onde está o deslizador não dista mais do que dois quilômetros daqui.

Ron não estava entendendo tudo, estava por demais exausto para isto. Mas compreendeu que havia motivo para esperança. Ouviu o que Larry disse a respeito do deslizador. O aparelho era de um tipo totalmente novo e mesmo um saltador entendido no assunto levaria muito tempo até compreender seu funcionamento. Por certo, o deixariam onde estava, até que soubessem manobrá-lo.

Finalmente, Ron se libertou dos braços que o seguravam.

— Santo Deus! Afinal de contas eu simplesmente corri, como vocês também correram. Não tenho, pois, o direito de estar tão mole assim. Onde está o aparelho?

— Nesta direção — disse Lofty, esticando o braço. — Não quer descansar uns minutos? Aviso-lhe: na floresta, o senhor terá que estar muito concentrado, do contrário...

Não terminou a frase, entretanto Ron sabia o que ia dizer. Ainda não se esquecera do episódio com os besouros carnívoros. Mas sabia também que não tinham um minuto a perder. Os saltadores eram comerciantes, homens de pensamento rápido.

— Nem um segundo! — respondeu com determinação. — Vamos continuar imediatamente. Temos que sair daqui o mais rápido possível.

Atravessaram o trecho da encosta.

Tendo Lofty à frente, iniciaram o difícil caminho pela floresta. Estavam penetrando até bem depressa, muito mais rapidamente do que quando estavam entrando. O terror, isto é, a presença dos saltadores, ainda lhes era um verdadeiro pesadelo. Sabiam que não podiam mesmo perder tempo.

Ron quase levou um susto, quando, de repente, se lembrou de uma coisa de que se esquecera totalmente: não adiantaria nada toda a caminhada até o local do deslizador, pois o aparelho estava totalmente destruído.

Não se lembravam mais de que Larry, naquele misterioso assomo de fúria, danificara gravemente o aparelho, pouco antes de ser capturado pelas serpentes.

9

"Graça vos rendemos, Senhor, e exaltamos vossa infinita bondade. Conheceis o amor de vossos servos e lhes perdoais os pecados cometidos. Louvor e honra a Vós para todo o sempre, ó Ayaa-Oooy!"

— Não, não tenho mesmo nenhuma idéia do que ainda está intacto — disse Larry triste e muito aborrecido. — Estava completamente doido, quando comecei a destruir o painel de comando e quase não me lembro de nada.

Sentaram-se em torno da clareira que abriram com disparos térmicos, antes de pousarem com o aparelho. A alguns metros deles, estava o deslizador, aparentemente intacto. Mantiveram-se escondidos no emaranhado da floresta de vidro. Tinham receio de que os saltadores estivessem de vigia por perto. Ficaram olhando para o aparelho, como se de longe pudessem saber se ele iria funcionar, se iria subir reto quando se puxasse a alavanca de direção para trás.

Já estavam ali há alguns minutos. Ron sentiu sua inquietação aumentar. Cada minuto desperdiçado, diminuía-lhes a possibilidade de voltarem para Modessa. Cada minuto perdido dava mais tempo aos saltadores de intensificarem o bloqueio na região das Montanhas do Interior.

Procurou concentrar todos os seus pensamentos num único objetivo: fugir da floresta. Inconscientemente, seus dedos brincavam no cabo do grande martelo, que mantinha sempre com cuidado em suas mãos, com a intenção de mostrá-lo ao Coronel Quinto quando voltassem para a Terra.

Os dedos sentiram um pequeno relevo. Com o consciente todo concentrado no que pretendia fazer, não percebeu o impulso dos nervos. Foi necessário que os dedos alisassem três vezes a pequena saliência, para se aperceber de algo estranho. Perplexo, levantou o martelo no ar e ficou observando o cabo.

Só então foi que reparou na série de pequenos botões de contato, ficando curioso para saber o que significavam. A situação do monstro, do urso-sapo, de passar por um deus no meio dos habitantes primitivos de Passa, isto é, as sempre-verdes, sempre pronto a exibir novas maravilhas, ficou de repente clara para ele.

Como é que o monstro realizava seus milagres? Até então, sem ter se aprofundado no assunto, aceitava pacificamente que os saltadores, estando nos bastidores de tudo, faziam também tudo que era necessário para conservar o prestígio do deus importado e imposto. Mas agora, estava vendo que não era bem assim. Será que o tal martelo era o meio pelo qual o falso deus mantinha seu prestígio?

Hesitante, Ron apertou o último botão, suspendendo o martelo bem acima da cabeça, para ficar livre de qualquer conseqüência de sua curiosidade. Mas, havia de longe subestimado as propriedades do martelo, como veio a constatar logo depois. Sua cabeça começou a zumbir, sentindo horríveis vibrações no cérebro, enquanto Larry e Lofty, esquecendo-se de toda cautela, soltavam gritos lancinantes.

Imediatamente, Ron apertou de novo o mesmo botão. A dor desapareceu. Admirado, começou a olhar com desconfiança para o instrumento mágico. Não tinha a menor dúvida de que desencadeara uma forte radiação de ultra-som, que certamente se destinava às

sempre-verdes que não se comportassem bem na presença do supremo deus, para lhes impor mais respeito. Não havia nenhum mistério. A questão era agora saber quais os efeitos dos demais botões. Quem sabe os saltadores haviam pensado também em resguardar seu urso-sapo de um perigo mortal, dando-lhe também uma arma clandestina, de efeito fulminante? Que tal, se apertasse o próximo botão?

Estava indeciso. Pensou e chegou à conclusão de que não tinha opção. O martelo era a única arma de que dispunham no meio daquele mundo hostil. Tinham que saber como funcionava, do contrário, lhes seria inútil.

Postou-se de pé e tentou imaginar de que maneira o monstro seguraria o martelo, caso tivesse que se defender de um inimigo. Levantado acima da cabeça? Provavelmente, não. Teria muita dificuldade com a pontaria. Ou displicentemente, como se não tivesse nenhuma má intenção, com a mão bem sob a coronha da arma? Parecia plausível e correspondia mais ao porte de um deus, de atacar de repente e de surpresa, do que exibir antes sua animosidade.

Ron pegou o martelo na parte superior do cabo, de tal modo que a seção mais longa do mesmo pendia de sua cintura, enviesada como uma espada. Nesta posição, lhe era muito difícil atingir todos os botões. Tinha de usar a mão esquerda atravessada nas costas. Acontece que o urso-sapo tinha quatro braços, dois de cada lado. Com uma das duas mãos direitas, alcançaria sem dificuldade todos os botões.

Receoso, comprimiu o penúltimo botão e foi atirado para trás, como se a cabeça do martelo tivesse feito uma descarga muito pesada. Uma chama ofuscante, um jato fechado de uma energia alvacenta, se projetou enviesada para cima, perdendo-se depois no ar. Ron não chegou a perceber que, já no primeiro susto, apertara de novo o botão, fazendo cessar logo o tremendo impacto.

Não restava mais dúvida. Entre outras coisas, o martelo era também uma preciosa arma de radiação térmica.

A terceira tecla disparava um desintegrador, que com um feixe de raios verdes liberava material fortemente compacto das forças de cristalização, transformando-o em gases. O quarto botão, depois de comprimido, não produziu nenhum efeito sensível, o que obrigou Ron a marcá-lo de um modo especial. O quinto devia produzir um campo antigravitacional, pois, quando o apertou, sentiu-se aliviado do próprio peso. Uma pequena pressão dos joelhos o levou para o alto.

Era desta maneira que o monstro-divindade conseguia sua subida miraculosa para fora do poço, entrando no quadrado sagrado.

O sexto botão novamente não mostrou efeito nenhum, o que deixou o major terrano mais desconfiado ainda. Resolveu não apertá-lo de novo, antes de saber do que se tratava.

Era bastante para ele saber que tinha em mãos uma arma salvadora. Não tinha, é verdade, nenhuma idéia de seu raio de ação, mas enquanto os saltadores não atacassem com deslizadores ou jatos de grande altura, devia ser suficiente para livrá-los de todos os perigos. Assim podiam ficar um pouco tranqüilos, enquanto tentavam consertar seu aparelho semidestruído.

Lofty e Larry acompanharam com entusiasmo a exibição do instrumento maravilhoso. A ordem que receberam não lhes causou surpresa:

— Vamos embora! Temos que botar o deslizador em condições de funcionar. Daqui a três horas, o sol se põe.

* * *

O começo foi muito promissor. Pareceu que, quando Larry ficou furioso com o aparelho terrano e começou a destruí-lo, o forte choque elétrico o fez parar a tempo, não causando danos de maior monta. O mais prejudicado foi um quadro de ligação lateral que se usa, com o auxílio dos estabilizadores de vôo e do campo de gravitação artificial, para o arranque instantâneo e para a subida vertical a grande altura. Em caso de necessidade, Ron voaria sem este quadro de ligações. Mas não ficara só nisto a obra destruidora de Larry. Danificara também o assento do piloto e principalmente os dois transmissores de rádio, que dificilmente seriam recuperados.

Larry e Ron arregaçaram as mangas e começaram a trabalhar, enquanto Lofty, por falta de conhecimentos técnicos, ficou lá fora, de olhos bem atentos.

Pouco antes do pôr do sol, os trabalhos de recuperação estavam tão adiantados que o deslizador podia levantar vôo e, se tudo ajudasse, poderia vencer o caminho até Modessa, em altura moderada. O ambiente lá fora estava calmo e Ron resolveu continuar com os trabalhos para aumentar a segurança do vôo.

Mal pensara nisto, quando lá fora reboou pela floresta o som cavernoso dos tambores das sempre-verdes; som tremendamente enervante. A tonalidade mudava de três em três segundos, enquanto o volume subia num crescendo, para depois voltar a quase surdina.

Ron interrompeu o trabalho e observou Lofty Patterson, que, de pé lá fora, tentava interpretar a mensagem dos tambores.

Virou-se de repente e veio correndo para o deslizador. Parecia meio confuso.

— Agradecem ao seu deus — exclamou ofegante — porque é misericordioso e perdoou seus pecados. E eu pensava o tempo todo que já o tivéssemos matado.

No primeiro instante, a surpresa de Ron não foi menor do que a de Lofty.

Será que o monstro teria conseguido sair vivo daquela avalancha de pedras?

Soava como uma coisa impossível. Aquelas pedras enormes, rolando de grande altura, deviam tê-lo matado antes de cobri-lo de cascalho e poeira. Mas depois, lhe veio o estalo e se admirou de não ter pensado nisto antes. Os saltadores não eram assim tão imprevidentes de trazerem apenas um deus, a quem a qualquer momento podia acontecer alguma coisa. Deviam ter mais exemplares do urso-sapo de reserva, para substituí-lo em qualquer emergência e não deixar uma lacuna na superstição das serpentes.

Ron compreendeu o que isto significava: não podiam mais contar com a revolta das sempre-verdes. Os saltadores faziam tudo para não perder a ascendência que mantinham sobre o mundo das serpentes. Substituíram o deus morto por outro vivo e o mandaram afirmar sua benevolência para com as serpentes. Tinham, pois, mãos livres para agir contra os três terranos, seus maiores inimigos no momento, que agora deviam estar procurando seu aparelho no meio das montanhas.

Ron deu a mão a Lofty para o puxar para dentro do deslizador.

— Vamos embora, partiremos imediatamente.

* * *

Lentamente e um pouco incerto, o pequeno aparelho se levantou acima da ramagem da floresta de vidro. Novamente surgia, do lado oposto, o sol azul, que já há alguns minutos sumira atrás das árvores.

Quem estava pilotando era o próprio Ron. Da direita para a esquerda, de cima para baixo, seu olhar atento percorria a fila de instrumentos e marcadores, sempre preparado para remediar qualquer falha do funcionamento dos aparelhos de bordo. Mas o motor

cumpria seu dever: trabalhava calmo e firme, e quando o piloto ligou a tração horizontal, o pequeno conjunto antigravitacional estabilizou o deslizador e as turbinas forneceram a energia prevista.

Todos, principalmente Ron, estavam contentes e respiravam aliviados. As coisas corriam melhor do que pensavam. Ia se virando para trás, para dar uma palavra de estímulo aos dois companheiros, quando Larry gritou:

— Atenção! Aparelho estranho do lado direito.

Ron virou-se. Exatamente do lado direito estava o sol poente. O inimigo escolhera o lado mais cômodo para o ataque. O aparelho parecia ainda uma sombra semitransparente contra a claridade reluzente do sol moribundo.

Ron disciplinou o pensamento para agir com sangue-frio. Não mudou a rota, conservando o aparelho no rumo oeste, pouco acima das copas das árvores. Usou de toda a aceleração de que podia dispor.

— Deixem que ele chegue mais perto. Não sabe que estamos armados. Certamente vai querer primeiro brincar um pouco conosco.

Realmente, Ron tinha razão. Com uma velocidade bem superior, o aparelho inimigo se aproximou do deslizador terrano, dando algumas voltas em torno dele. Pelas janelas da cabina, Ron reconheceu os vultos pesadões e espadaúdos de dois saltadores.

Pela primeira vez, na história de Passa, apareciam em campo para a luta e, pela primeira vez, não usavam nenhum subterfúgio para ocultar que eram eles os causadores de toda intranqüilidade reinante no planeta. Ron teve um sorriso irônico quando lhe passou pela cabeça que os pescadores de águas turvas estavam agora se arriscando demais, por estarem crentes de encontrarem no deslizador terrano uma presa fácil.

Atrás dele, falou Larry:

— Eu os tenho na mira, Ron. Quando eu fizer um "*carinho*" aqui no botão, vão ter um rombo sensacional no seu aparelho.

— Ainda não, Larry. Se atirarmos desta distância, teremos em poucos minutos uma armada em nosso encalço.

Ron continuou na direção das montanhas, seguindo o rumo do oeste. Sabia que o maior perigo ainda estava por vir, pois as espaçonaves dos saltadores, se ainda não tivessem decolado, deviam estar escondidas nas gargantas das Montanhas do Interior. Este fato — supunha ele — contribuía naturalmente para justificar a despreocupação do deslizador inimigo, que perdia tempo com brincadeiras. As montanhas aumentavam e a hora do crepúsculo se aproximava, quando a orla superior do sol azul desaparecia no horizonte e o clarão avermelhado aumentava no lado do nascente.

Não mudara ainda de tática o aparelho dos saltadores. Deu incontáveis voltas em torno dos terranos, e se podia ver o sorriso de superioridade no rosto dos homenzarrões.

De repente Ron parou diante de um pico de montanha bem íngreme e, quando já estava a cem metros do penhasco, mudou de direção. Virou em ângulo reto para o sul e ficou observando a reação do aparelho inimigo. Notou que os dois saltadores estavam nervosos. Os círculos que descreviam se estreitaram.

"*Estão perdendo a calma*", pensou ele. "*Provavelmente tomamos a direção errada. Acho que suas forças estão no norte.*"

Os saltadores começaram a mostrar mais abertamente seu descontentamento. Talvez não estivesse nos seus planos destruir o aparelho terrano e seus tripulantes. Dispararam um tiro de bateria térmica que passou bem longe da proa do deslizador.

Ron desligou a tração horizontal, enquanto o campo antigravitacional mantinha o aparelho acima das árvores do trecho de grande aclive.

— Preste atenção, Larry — falou Ron, lentamente.

Os saltadores tomaram a manobra, como deviam tomar: que os terranos estavam dispostos a se entregarem. Foram chegando, devagar, um pouco cautelosos. Ron reconheceu as bocas-de-fogo no chassi do aparelho inimigo.

— Espere que cheguem mais perto — disse a Larry. — A cinco metros, você acerta melhor do que a vinte.

Larry disse qualquer coisa que ninguém entendeu. Os saltadores se aproximavam. Um deles abriu a escotilha e botou a cabeça para fora, fazendo um sinal com a mão. Queria lhes indicar uma nova direção. Mas Ron fingiu não entender o que queriam e ficou onde estava. O aparelho inimigo emparelhou com o dos terranos. Quando a proa aguda de sua máquina estava quase encostando no deslizador, Larry Randall disparou. Uma intensa chama irrompeu da cabeça do martelo.

No ar tranqüilo acima da floresta, reboou uma detonação seca. Alguma coisa no meio daquelas labaredas ofuscantes ia aos pedaços pelos ares. Línguas de fogo e partículas incandescentes choviam de todos os lados.

Quando Larry desligou o botão e seus olhos se readaptaram à luz normal, viu apenas uma coluna de fumaça descendo vertical e um poço escuro na floresta de vidro, poucos metros abaixo.

Ron afastou todos os pensamentos que queriam assaltar sua imaginação e ligou novamente a tração horizontal. Uma hora depois, o pequeno aparelho transpunha a região das montanhas e estava, em vôo tranqüilo, rumo à cidade de Modessa.

* * *

— Os senhores estão bem certos — disse Nike Quinto com uma seriedade fora do comum, apontando para Lofty Patterson — de que este homem deve receber um tratamento todo especial, assim que terminarmos os negócios pendentes, não é verdade? Os senhores podem trazer aqui para nossa seção simplesmente um ilustre desconhecido e nos exigir que o deixemos ir embora sem mais nem menos?

Ron Landry sorriu.

— Mesmo com o risco de elevar sua pressão arterial, senhor — e com isto, afastava do caminho um dos melhores argumentos — eu proporia que a nossa seção fizesse deste homem seu representante permanente em Passa. Não existe neste planeta ninguém que conheça melhor este mundo misterioso.

Nike Quinto se levantou.

— De fato — começou com voz aguda — você abusa demais de minha pressão sangüínea. Desde quando é você quem determina os novos membros? Ou acha que já estou velho demais e, portanto, meio caduco? Não, meu jovem, aí é que você se engana.

Seu corpo disforme procurou de novo uma cadeira, continuando depois com voz mais calma:

— Mas vamos pensar no assunto. Antes disso, no entanto, temos coisas mais importantes para fazer.

Ron respirou mais aliviado. Percebeu que Larry estava sorrindo para ele. Não tinha mais dúvidas de que Lofty Patterson seria admitido como representante permanente do Fundo Social Intercósmico de Desenvolvimento, Divisão III, em Passa, e que, para continuar de olhos abertos pelo resto de sua vida, receberia um ordenado condigno. Conforme o parecer de Ron e de Larry, isto era coisa mais do que justa.

— Seu relatório — recomeçou Nike Quinto, desta vez num tom mais objetivo — foi analisado de todos os pontos de vista. Você vai ficar boquiaberto com as conclusões que daí surgiram.

"Primeiro: sua suposição, Major Ron Landry, de que os saltadores queriam chegar a uma guerra circunscrita a Passa, foi confirmada. Todos os indícios apontam para isto. Os saltadores devem, pois, possuir uma nova arma, com a qual esperam ganhar esta guerra. Que arma seja esta, não sabemos. Temos apenas suposições.

"Segundo: o fato de as sempre-verdes primeiro terem deixado de lado os colonos assassinados e, somente num segundo estágio da insurreição, os terem levado para oferecê-los a seu deus, faz com que os técnicos cheguem à conclusão de que, a princípio, os mercadores galácticos ainda não tinham um plano de ação bem delineado. Por alguma razão, alguns dias mais tarde, acharam essencial receberem os cadáveres dos terranos e não apenas os prisioneiros vivos.

"Terceiro: o martelo misterioso foi examinado. As funções dos botões quatro e seis não são mais segredo. Na tecla quatro, trata-se de um produtor de choques nervosos."

Nike Quinto fez uma pausa, olhando para seu interlocutor.

— Isto lhe significa alguma coisa?

É claro que Ron tinha seu ponto de vista:

— Isto mostra que o deus não chegava a matar suas vítimas. Vibrava o martelo e as sempre-verdes viam como as vítimas caíam. Julgavam-nas mortas, mas realmente não o estavam.

Quinto concordou, acenando com a cabeça.

— Exato! Não temos dúvidas de que muitos dos prisioneiros foram realmente assassinados, mas por algum motivo, os saltadores queriam conservá-los vivos.

"Mas, continuando... em quarto lugar: o botão número seis aciona um instrumento muito singular. Trata-se, no fundo, de um transmissor de potência muito diminuta. Portanto, só pode ser recebido a maior distância, quando opera como raio direcional. Está equipado para isto e o raio direcional funciona até automaticamente. Ele mesmo se auto-regula através de uma célula fotoelétrica. Enquanto o transmissor se encontra no setor atingido pela célula fotoelétrica, está regulado para uma determinada posição. De acordo com a opinião dos técnicos, esta posição automática é a base secreta dos saltadores."

Parou de novo, olhando para os três. Podia estar contente com a impressão causada pela sua explicação. Ron ergueu-se da cadeira perplexo. Lofty e Larry olhavam também admirados.

— Isto significa naturalmente o fim da base clandestina dos saltadores — continuou Nike Quinto tranqüilamente. — Na hora oportuna, mandaremos um comando equipado com o transmissor, para Passa, a fim de acabar com os saltadores.

"Há, porém, coisa mais importante ainda. O ser esquisito, o monstro descrito pelos senhores como um urso-sapo, é totalmente desconhecido na Galáxia. Mais ainda: os técnicos chegaram à conclusão de que um animal deste tipo não pode surgir por via natural. Encerra traços que se contradizem. A opinião geral dos técnicos é de que o urso-sapo, embora de origem orgânica, é uma criação artificial."

Nike não quis deixar tempo para ninguém fazer ponderações e prosseguiu sem parar:

— Isto nos dá uma pista muito segura, meus senhores. Existe apenas um povo na Galáxia que pode criar seres artificiais com tanta rapidez e precisão: os aras, descendentes dos velhos arcônidas, que se dedicaram inescrupulosamente de corpo e alma à pesquisa científica. Não é a primeira vez que constatamos um pacto entre os

saltadores e os aras, sendo que os primeiros ficam com o negócio e os outros com o incremento científico.

"Temos, portanto, que supor que o planeta Passa é cobiçado não só pelos saltadores, mas também pelos aras. A cooperação, ou melhor, a concorrência entre as duas raças, pode explicar alguma coisa da falta de unidade operacional no início do empreendimento. Dificulta também para nós, terranos, a ação em Passa. Os aras são um inimigo que têm de ser levado muito a sério, exatamente por não serem guerreiros, mas lutarem, na surdina e nos bastidores, com armas nada convencionais."

Nike Quinto deixou tempo para que suas palavras fizessem efeito nos ouvintes. Observou como Ron Landry ficou longo tempo de cabeça inclinada, olhando para o chão. Larry Randall continuava sentado espalhadamente em sua poltrona, bem refestelado, com os olhos quase fechados. Lofty Patterson estava sentado ereto, sem se encostar e sem tirar os olhos do Coronel Quinto. Mas Nike tinha o pressentimento de que Lofty realmente não estava olhando para ele.

— Uma pergunta — recomeçou Quinto, após pequena pausa — ainda não foi respondida: como é que os inimigos conseguiram impingir às serpentes um deus assim? Acho que seria até muito fácil nos aproximarmos de um ser primitivo, lhe apresentar um robô de bom funcionamento, dizendo-lhe que era seu deus e que devia ser adorado. Agora, não tenho certeza se, só por isto, este primitivo iria dedicar ao robô tal obediência e fé inabalável como as sempre-verdes dedicam ao urso-sapo. Aí é que está o mistério e eu gostaria...

Neste momento, falou Lofty pela primeira vez, interrompendo o Coronel Nike Quinto no meio da frase:

— Isto eu posso explicar com bastante clareza, senhor. Desde meus tempos de rapaz, sempre vivi às voltas com as serpentes. Elas não têm propriamente Literatura, também não sabem escrever. Mas sua tradição oral conhece um bom número de lendas, entre as quais uma que diz que, um dia, um poderoso deus descerá do céu e a partir daí ficará com as serpentes para ajudá-las. Este deus é descrito como um ser possante de quatro braços, sempre pronto para operar uma série de maravilhas.

Nike Quinto confirmou sorridente como se não esperasse outra coisa.

— Combina muito bem com o urso-sapo — disse ele. — Maravilhas e milagres certamente já fez muitos, mas... será que as sempre-verdes, que já têm seis metros de comprimento, vão considerar como poderoso um urso-sapo que tem apenas três?

Ninguém tinha resposta para esta pergunta. O próprio Ron já pensara nisto e tinha a impressão de que não havia saída para tal comparação.

— Haveremos de aproveitar tudo isto, meus senhores — disse Nike Quinto, de repente.

Levantou-se, talvez para indicar que o encontro já chegara ao fim.

— Os últimos preparativos serão tomados prontamente. Estejam atentos, meus senhores, talvez partirão depois de amanhã, providos de todos os meios de que precisarem para pôr um ponto final neste fantasma de Passa.

Não falou mais do que isto. Ron tinha a sensação de que ele ocultava um grande segredo e se divertia em ver os outros quebrando a cabeça a respeito.

X

"Dúvida em nossos corações, ó Altíssimo! Nunca esperávamos ver dois deuses. Afastai a nossa dúvida, Ser Supremo. Tudo depende de vosso poder e ao mais forte queremos servir para sempre!"

Um monstro caminhava pelas trevas avermelhadas da selva de vidro, oito metros de altura, coberto de um pêlo grosso, com seis poderosos braços que afastavam galhos e troncos do caminho. Mugindo, o gigante ia quebrando tudo que se lhe opunha na frente e seu urro penetrava muitos quilômetros pela mata a dentro.

Os tambores das sempre-verdes vibravam sem parar para aplacar a ira do monstro. E o milagre aconteceu: o ser gigantesco entendeu a linguagem dos tambores e poupou as aldeias dos seus adoradores. As outras, porém, que ficaram fiéis ao velho ídolo, a quem construíam um templo do outro lado das Montanhas do Interior, tiveram suas casas destruídas.

A notícia da vinda de um novo deus se espalhou por todo o planeta. O pequeno deus das Montanhas do Interior, que olhava impassível a miséria de seus fiéis seguidores, não estava demonstrando assim sua inferioridade? Como se podia saber quem era o deus verdadeiro, quando o novo deus gigante apregoava com voz de trovão que ele era o verdadeiro Ayaa-Oooy, enquanto o outro, a quem construíam um templo nas Montanhas do Interior, não passava de um deus auxiliar de pouca importância, que aproveitava sua grande semelhança com o deus verdadeiro — embora fosse muito pequeno — para tirar seus proveitos?

A quem se devia dar fé? É claro que também o pequeno deus das Montanhas do Interior levantou sua voz, quando soube da existência do deus gigante. Sua voz, porém, não ia muito longe e suas palavras não eram bem compreendidas.

As pobres criaturas dos dois sóis viviam num doloroso conflito de consciência, acabando por deixar nas mãos dos próprios deuses a decisão: quem realmente era o verdadeiro?

Isto, porém, não estava agradando nada ao pequeno deus das Montanhas. Procurava incitar as serpentes, que viviam em sua proximidade, para que marchassem contra o monstro e o matassem. Chegou a reunir um grande grupo, desceram das Montanhas e foram de encontro ao novo deus, para lhe preparar uma cilada. Mas este, vomitando raios dos olhos e das mãos, destruiu-as, antes que pudessem dar dois saltos apoiadas em suas caudas possantes. A partir daí, ninguém mais saiu em luta pelo pequeno deus.

O grande deus veio do noroeste e, dia e meio depois de ter aparecido pela primeira vez, já atingira os pés das montanhas. As sempre-verdes, medrosas, viam de longe como ele galgava as montanhas, sem diminuir a velocidade. Admiravam seu tamanho e sua força e aos poucos foram se convencendo de que ele era o verdadeiro deus e não o pequeno, que estava além das Montanhas.

No interior do grande deus, mais ou menos na altura onde ficam os intestinos, estava sentado numa cômoda poltrona o Capitão Larry Randall, colocando uma nova fita no gravador. Ligou o aparelho e, segundos depois, com uma ampliação de mais de mil

vezes, começou a sair da boca do sapo-monstro uma nova mensagem na língua das sempre-verdes.

Larry sacudiu a cabeça desconfiado.

"*Mesmo que tudo funcione tão bem*", pensava ele, "*isto aqui é, e continua sendo, uma besteira*."

* * *

Ron Landry tinha sua poltrona em cima, logo abaixo da cabeça. Dali controlava os movimentos do gigante artificial, e o possante motor nuclear, instalado mais ou menos na altura dos pulmões. Estava numa cabina à prova de ruído, pois, do contrário, não suportaria o vozeirão quilométrico que o grande deus irradiava pelas florestas.

Bem embaixo, numa das possantes pernas, estava instalado Lofty Patterson, numa espécie de aparelho de escuta. Lá embaixo é que ouvia e interpretava as mensagens dos tambores das sempre-verdes. Quando decifrava algo importante, comunicava-o pelo interfone de bordo a Ron Landry.

No dia 21 de outubro de 2.102, mais ou menos às quinze horas, tempo de bordo, o grande deus já deixara para trás as altas Montanhas do Interior, sem ser molestado no caminho uma só vez. Havia realizado uma parte importante do seu trabalho, pois viera até Passa, não somente para converter as sempre-verdes, mas precipuamente para chamar a atenção dos saltadores e dos aras para si. Isto é, para sua marcha triunfante, a fim de que o Major Bushnell, com seu comando de ação, pudesse chegar sem ser notado ao local, onde, conforme as indicações do automático do transmissor de raios direcionais, se localizava a base secreta do inimigo.

O plano tático previa que Bushnell, com seus duzentos homens, teria cercado a base às quinze horas, tempo de Terrânia, de tal maneira que os saltadores ficariam ali encurralados, sem se poderem mexer. Tinha de ser assim, pois o próprio deus gigante não poderia enfrentar sozinho não apenas os adeptos do deus pequeno na região do templo em construção, mas muito menos os muitos e bem armados saltadores.

O momento crítico passou sem novidade. Do Major Bushnell veio um rádio cifrado, dizendo que o plano corria normal. Os saltadores ainda não sabiam de nada e ignoravam que estavam cercados. Haveriam de notá-lo quando fossem socorrer seu deus ameaçado lá no templo. Bushnell ainda comunicava que encontrara na base secreta duas espaçonaves de porte médio.

O grande deus continuava sua marcha, vomitando raios pelos olhos e espalhando sua mensagem com o vozeirão penetrante.

Parava somente quando, lá em cima no pescoço, Ron recebia um pedido formal de Lofty:

— Desligue um pouco seu órgão horrendo, para que eu possa ouvir a mensagem dos tambores.

* * *

Pouco antes do ocaso do sol azul, o grande deus chegou ao local onde as serpentes construíam um templo ao seu deus Ayaa-Oooy. Haviam cortado uma parte da floresta e, com os troncos das árvores de vidro, ergueram um grande paredão. Não foram além disso, porque chegou a notícia terrífica da vinda do novo deus, gigantesco e poderoso.

Do alto do pescoço do deus-monstro, Ron Landry viu com nitidez todo o local. Clareira e templo recebiam a luz amena do sol poente. Do tal deus, a criação monstruosa dos aras, não se via nem sinal e as próprias serpentes já deviam estar escondidas.

Ron fez com que o monstro parasse. Imenso, ciclópico, formando no chão uma larga sombra, estava ele de pé na clareira, virando a cabeça, como que examinando o ambiente. E sua voz tonitroava:

— Onde está o deus falso? Que ele apareça e mostre o que pode. Só então é que verei se concedo graça ou justiça.

Ron não estava se sentindo bem. Resolveu terminar mais rapidamente toda aquela pantomima. Botou de novo o monstro para andar na direção do templo em construção, repetindo mais vezes sua provocação ao pequeno deus. O paredão de troncos não foi nenhum empecilho para o deus gigante. Derrubou de uma só vez todas as estacas fincadas.

Levantou-se enorme nuvem de poeira e, no meio dela, se via a cabeçorra de sapo avançando e quebrando tudo. Foi um quadro único. Soltando terríveis maldições, o monstro artificial esbravejava, deixando em ruínas o interior do santuário. E tudo isto era dirigido apenas por três terranos!

Ron olhou sumariamente para a destruição ali realizada, pois seus olhos estavam mais interessados em qualquer coisa que se movia na floresta, na margem norte da clareira.

Seu ângulo visual não dependia da posição da cabeça do monstro. Enquanto este balançava a cabeça de um lado para o outro, Ron podia se concentrar naquele trecho da floresta. Por entre os reflexos da vegetação de vidro, viu dois vultos altos e magros que tentavam alguma coisa com dois instrumentos parecidos com lança-chamas. Ao menos eram tubos ocos que apontavam para a clareira. Ron se interessou tanto pelos dois vultos, como pelos dois instrumentos. Foi muito difícil reconhecê-los. Eram aras, pertencentes à raça dos médicos galácticos, como eram chamados em geral. Tinham vindo para proteger o monstro criado por eles.

Ron fez com que o braço do seu deus gigante se levantasse um pouco e mirou com calma. Os dois aras pareciam ter terminado seu trabalho, sentando-se agora atrás de seus canhões. Neste instante foi disparado o jato térmico de encontro aos dois. Em fração de segundo o ar superaquecido se espalhou, e Ron viu como os dois vultos foram atirados para longe. Um dos canhões atingiu boa altura, penetrou na ramagem da floresta e caiu a pouca distância. Ron reparou que, de seu interior, saía uma fumaça esverdeada. Mas não se interessou mais pelos dois aras. Estava preocupado com o urso-sapo que se embrenhara na floresta.

Poucos minutos mais tarde, Ron encaminhava seu deus-monstro para uma segunda clareira de menor diâmetro. No primeiro golpe de vista, percebeu um montão de terra recém-revolvida no outro lado da clareira e um buraco escuro, que se abria no seu centro. Viu muito rapidamente o cintilar de um pêlo marrom, que logo desapareceu. Foi o bastante para ele. Atirou pela segunda vez e, no mesmo instante, ouviu reboar pela floresta um grito assustador, mistura de ódio e de dor.

O deus menor saiu de seu esconderijo e se apresentou para a luta. No seu pêlo marrom havia um grande rombo de queimado, provocado pelo jato de fogo que roçara em seu corpo. Não estava bem firme das pernas, mas vibrou seu martelo e expediu raios incandescentes.

Ron não perdeu tempo. Abaixou o braço do grande deus até apontar bem para o ventre do deus menor. Foi só apertar o botão e o disparo energético destruiu o pequeno deus.

O caminho para dentro da terra estava livre. A abertura não era tão ampla que o grande deus pudesse passar sem mais nem menos. Mas o monstro possuía uma infinidade de articulações e podia se curvar à vontade. Com uma onda luminosa que partia de seus olhos, iluminava o caminho escuro.

A galeria descia enviesada para o fundo e era tão alta que as sempre-verdes, servidoras do deus falso, se moviam ali facilmente. O grande deus também passava folgadamente. No fundo da galeria ardia uma fraca luz avermelhada que só se podia perceber, caso os olhos do grande deus deixassem por um instante de emitir a onda luminosa. Era para aquele ponto avermelhado que o grande deus caminhava.

Nesta altura, Ron Landry recebeu a mensagem do Major Bushnell:

— Tudo em ordem. Tomamos a base secreta. Estão presos cento e trinta saltadores. Não ofereceram resistência quando perceberam com quem estavam lidando. Suas espaçonaves estão sendo vigiadas.

Ron aumentou a velocidade do grande deus, pois sabia que agora só lhes restavam os poucos aras.

A luz vermelha ardia diante de um portal de pranchas das árvores de vidro. Com um sonoro pontapé, o grande deus o quebrou. Depois deste portal, o corredor se alargava para uma espaçosa galeria, iluminada por um gás esverdeado. O grande deus não deu maior importância ao ambiente e enveredou por um corredor lateral, que de repente recebeu uma iluminação mais forte. Foi aí que o grande deus recebeu um forte impacto que quase o faz voltar para o início do corredor!

Porém, no mesmo instante, reagiu com seus raios poderosos que varreram o corredor. E de sua extremidade ecoaram gritos selvagens de dor, que logo emudeceram. O grande deus continuou sua marcha destruidora e no fim do corredor deparou com os cadáveres de outros três deuses, que deviam ser a reserva dos aras. Ao lado, também os cadáveres de quatro aras, que aqui se abrigaram e foram obrigados a se defender, embora não fossem guerreiros.

Estava, pois, livre o caminho. O corredor terminava de novo num portal de pranchas das árvores de vidro. Depois que a forte patada do deus gigante rebentou a porta, Ron pôde ver que havia achado o que tanto procurava: um recinto enorme, bem iluminado, onde milhares de homens jaziam apáticos no chão, esperando seu fim trágico.

Os pobres coitados, depois de terem sido vítimas dos deuses estúpidos, iriam parar naturalmente nos laboratórios experimentais dos aras, se a salvação não lhes chegasse a tempo...

O vozeirão do grande deus inundou o enorme recinto, mas agora numa outra língua:

— Vocês estão livres, terranos. Levantem-se e venham para fora. O falso deus morreu.

* * *

Nike Quinto esfregava as mãos, felicíssimo. Ninguém jamais o vira em tão boa disposição, como nestes minutos.

— Então, tudo foi resolvido a contento, não é? Ao invés do que temíamos, nossas perdas são até pequenas. A insurreição das serpentes nos custou a vida de trezentos e quinze terranos. Trezentos e dois foram assassinados pelas sempre-verdes, os outros treze

foram vítimas das estúpidas experiências biológicas dos aras. Sabe alguém, por acaso, o que pretendiam esses médicos loucos?

Ron Landry meneou a cabeça.

— Não, senhor! De qualquer maneira, o que pretendiam devia ser muito importante. O culto ao deus falso lhes era apenas um pretexto para outros fins.

— Você tem razão, Ron. Graças a Deus, descobrimos seus laboratórios subterrâneos e quando ouvirmos os dois que caíram vivos em nossas mãos, certamente ficarão "*contentes*" em poder dizer a verdade. De qualquer maneira, nosso grande deus artificial fez as serpentes criarem juízo e jamais irão acreditar em alguém que lhes diga que serão felizes somente quando acabarem com os terranos.

Ron começou a rir. Olhou para seus dois companheiros, sentados ao lado dele e disse, se fixando em Quinto:

— Para falar a verdade, senhor, não acreditávamos muito no sucesso de sua... sua... idéia um tanto ousada e quixotesca. Agora, queremos lhe fazer nossos sinceros cumprimentos pela sua previsão, que realmente atingiu mais longe do que supúnhamos.

O rosto de Nike Quinto enrubesceu. Pigarreou, como se não achasse palavras para se exprimir.

— Você quer obrigar minha pressão sangüínea a subir de novo? — gritou num tom exasperado. — Idéia ousada e quixotesca... que estupidez! Se algum zulu ou qualquer selvagem subdesenvolvido julgar que um automóvel pequeno é um deus, então, com os diabos, achará que um carro grande seja logicamente um deus muito maior. Esta é a grande sabedoria. Quanto à previsão ou antevisão ou à intervisão... tudo é mera besteira. É claro que tenho uma previsão mais ampla que você, do contrário você é que estaria sentado aqui e seria o chefe, enquanto eu seria um subalterno. Por favor, pare com tal conversa, que já estou sentindo o sangue ferver.

Tossiu e levou a mão ao pescoço.

— Meu Deus, você ainda me leva para a sepultura, Landry, e você também Randall, sem se falar naturalmente do nosso novo homem em Passa. Sim, você não me parece tão bobo assim, do contrário a nomeação me seria difícil.

Lofty escorregava inquieto de um canto para o outro na sua ampla poltrona. Ainda não estava bem acostumado com Nike Quinto, para aceitar suas palavras ofensivas como deviam ser aceitas.

— Que vai acontecer com os saltadores? — perguntou Ron, levando a conversa para outro rumo.

— O que você acha que deve ser feito com eles? — disse Quinto, no seu tom dogmático. — Vão ser postos diante de um tribunal comum, bem como os dois aras presos. Não duvido de que estes malandros serão condenados pelo menos a vinte anos de trabalho forçado. Haveremos de cuidar para que a sentença seja publicada em toda a Galáxia. Quem sabe, da próxima vez, os saltadores haverão de pensar duas vezes antes de aprontarem coisa semelhante?

Depois, um tanto pensativo, perguntou Ron:

— Devia se tratar de um negócio que envolveria alta soma, não é verdade? Do contrário estes vivaldinos mercadores galácticos não estariam tão engajados na história.

A calma e a pose voltaram aos traços de Nike Quinto. Fez um gesto de concordar em parte e pontificou:

— Sim, você não deixa de ter razão. E eles não tiveram apenas um objetivo com isto. É evidente que, desde o início, o que tinham em mente era o comércio com as peles das serpentes de Passa. Queriam seu monopólio. Acharam que o melhor modo de

conseguir isto seria chamar os aras em seu auxílio. E provavelmente os aras lhes prometeram cooperação sob a condição de que lhes coubesse em Passa uma grande vantagem científica... por exemplo dez mil terranos como cobaias para suas experiências biológicas.

"Depois vieram para cá com um corpo expedicionário misto e estudaram a situação. Talvez, já nesta época, descobriram para que serviam as peles das sempre-verdes e a convivência entre saltadores e aras foi perfeita. Podiam se lançar de corpo e alma no negócio e pensavam mesmo em provocar uma guerra interna no planeta, pois, assim que receberam em mãos a primeira dúzia de peles de cobras, estavam de posse de uma arma singularíssima, que jamais teria similar em toda a Galáxia. Pelo menos por enquanto."

Ron ouvia maravilhado.

— Peles de serpentes...? Arma singularíssima...? Não estou entendendo.

Nike Quinto acenou tranqüilo.

— Pois é, eu estava pensando que você já tivesse se preocupado com isto.

Apertou um botão e uma gaveta de sua mesa de trabalho correu para fora. Tirou dali uma ampola de vidro, e Ron pôde ver contra a luz que estava cheia de um gás esverdeado. Aquela cor do gás o fez pensar em alguma coisa que vira antes, mas no momento não se lembrava de quê. Quinto foi direto ao assunto:

— Nossos cientistas deram o nome de "*Advertin*" a esta substância. Sabem agora como ela atua no sistema nervoso humano. Os aras tiveram o cuidado de soprá-la para o interior da caverna que você examinou em companhia de Lofty Patterson. Introduziram-na também sob o envoltório de proteção, que resguardava o deslizador vigiado pelo Capitão Randall. O gás é de grande eficácia e se difunde quase instantaneamente, colocando quem o respira numa fúria diabólica contra tudo que o cerca. Quem sabe era este o enigma que os aras queriam decifrar em Passa, isto é, de que maneira o gás "*Advertin*" pode ser controlado para produzir ódio e fúria de um ser contra outro ser ou objetos determinados. Como disse antes, pode ser. Quando interrogarmos os dois aras e examinarmos seus laboratórios subterrâneos em Passa, haveremos de saber tudo com exatidão.

Olhou pensativo para Ron.

— Os aras, neste ponto, foram mais rápidos que nossos cientistas — prosseguiu Nike. — Eles, os nossos, perceberam o negócio somente quando as serpentes começaram a insurreição, negando-se a fornecer as peles. Mas esta prova aqui — dizendo isto, agitava o pequeno frasco com o gás verde — surgiu nos nossos laboratórios.

Ron Landry empalideceu subitamente.

— Meu Deus... se o... Se o seu superdeus não fosse hermeticamente bem vedado... Não é isto que queria dizer? — indagou Nike Quinto, sorrindo. — Sim, meu amigo, então vocês iriam ter um acesso de fúria em suas cabinas, pois, como me foi comunicado, os aras encheram toda a antecâmara do laboratório com o tal gás.

Ron fez um gesto negativo.

— Não é isto que estou pensando, senhor — disse lentamente. — Mas os prisioneiros, os dez mil que encontramos lá no grande recinto... Se não estivessem fracos demais para se levantarem e correrem lá para fora, teriam disparado através da nuvem de gás e... haveria de ser uma luta de morte entre eles mesmos, atacados pela fúria diabólica do gás verde.

Desta vez, Nike concordou, com muita seriedade estampada no rosto.

— Tem razão, Ron, e se isto não aconteceu, não é nenhum merecimento nosso. Mas nós, na Divisão III, temos que dividir a sorte com os nossos aliados.

Levantou-se, apanhou de novo a ampola e a olhou através da luz mais demoradamente.

— Aliás — disse ele — ia-me esquecendo. O agente mais importante do "*Advertin*" é extraído das peles das serpentes. Aí está toda a razão da insurreição provocada pelos saltadores e aras.

* * *

O grande deus estava já desmontado e tomava o caminho de volta para a Terra. Fora necessário, para impor respeito aos habitantes primitivos de Passa para com os terranos. Sua finalidade não ia além disso. E a missão estava cumprida.

Na hora do crepúsculo, soaram na floresta de vidro os tambores das sempre-verdes e todo o mundo das serpentes cantava em coro:

> *"Vosso nome seja bendito, Senhor onipotente! Vossos filhos serão eternamente gratos porque os livrastes do mal e de um deus falso. Seremos eternamente vossos servos, justíssimo Senhor, Ayaa-Oooy!"*

* * *
* *
*

Quando os homens da Divisão III entram em ação em qualquer planeta, agem sempre de acordo com a norma básica de sua organização secreta: "Trabalhe, quanto possível, sem dar na vista e não provoque complicações diplomáticas."

Este princípio foi seguido à risca, de uma maneira modelar, na perigosa ação de Passa.

Quando, porém, se tem de tratar com os acônidas, tais normas de conduta perdem a validade, como se pode averiguar pelo próximo número da série. O teatro dos acontecimentos é em parte Árcon. em parte ***O Sistema Azul*** *— aliás o título do próximo volume.*